

Amor sem adeus

Francisco Cândido Xavier
Espírito de Walter
Hércio Marcos C. Arantes





*Amor
sem adeus*







Inscr. Estadual 182.010.405
Rua Emílio Ferreira n.º 123 – Araras
Est. São Paulo – Brasil
CGC (MF)n.º 44.220.101/0001-43



Amor sem adeus

Espírito de Walter

Francisco Cândido Xavier

Hércio Marcos C. Arantes

Texto e diagramação: Vivaldo da Cunha Borges

Capa: Cláudio de Oliveira Santos

Índice

<i>Amor sem adeus</i>	15
<i>Vencendo as barreiras do Mais Além</i>	17
1 – <i>Encontro no Lago Azul</i>	19
2 – <i>A caminho de Uberaba</i>	23
3 – <i>Primeira Carta</i>	30
4 – <i>O amor vence a morte e desconhece o tempo</i>	38
5 – <i>Meu Filho Walter</i>	45
6 – <i>Desencarnações prematuras e violentas</i>	52
7 – <i>Assistência espiritual aos recém-desencarnados</i>	70
8 – <i>Segunda Carta</i>	87
9 – <i>Valorizando a prece</i>	90
10 – <i>Terceira Carta</i>	107
11 – <i>Influência dos Espíritos na vida terrena. Enaltecendo a fé, o amor e a caridade</i>	112
12 – <i>Quarta Carta</i>	125
13 – <i>Para curar a saudade foi preciso convertê-la em beneficência</i>	128
14 – <i>Quinta Carta</i>	133
15 – <i>Encontro de amigos e recados do Além</i>	139
16 – <i>Sexta Carta</i>	151
17 – <i>Espíritos protetores das famílias</i>	155
18 – <i>Telegramas de amor</i>	163
19 – <i>O surpreendente recado de Tim</i>	167
20 – <i>Nova Carta</i>	172



Amor sem adeus

Leitor amigo:

*neste livro
de ternura e reencontro
descobrirás, sem dúvida,
a sublime certeza
de que acima da lágrima e da prova,
que tantas vezes atravessas,
nos caminhos do mundo,
reina sempre,
à maneira de sol varando as nuvens,
a imortalidade sem fronteiras,
na vida permanente
sobre o amor sem adeus.*

Emmanuel

Uberaba, 11 de janeiro de 1978



Vencendo as barreiras do Mais Além

Uma série de cartas de um Espírito constituem, basicamente, este livro. Sim, escritas por um jovem desencarnado, que vencendo a barreira da morte voltou a conversar com os seus entes queridos, que ficaram na Terra, pela mediunidade psicográfica de Chico Xavier.

O prezado leitor observará que as mensagens dirigem-se, mais diretamente, à sua adorável mãezinha, permitindo-nos imaginar dois corações — um no Plano Físico e outro no Espiritual — a se encontrarem, várias vezes, através de abençoado “correio” mediúnico, atraídos pela sublime e imensurável força do amor. Um caso típico de *amor sem adeus*...

Diante do elevado conteúdo das cartas de Walter buscamos, de nossa parte — fundamentados nas obras básicas da Codificação Kardequiana e em outras tantas de reconhecido valor doutrinário —, desenvolver, despretensiosamente, vários temas enfocados pelo Autor Espiritual.

Para a elaboração do histórico dos dois primeiros capítulos e das notas explicativas que se seguiram a cada mensagem, contamos com generosa boa-vontade dos pais e irmãos de Walter, especialmente de sua progenitora, D. Maria D. Perrone, que chegou a nos confiar o seu *Diário Íntimo* — repositório de quase todos os dados de que necessitávamos, escritos ao calor dos acontecimentos.

As cartas foram transcritas na íntegra, com exceção de pequenos trechos, suprimidos compreensivelmente, com sinais convencionais, por tratarem de questões mais íntimas da família.

Esperamos que outros corações, em lances igualmente dolorosos pela separação de seres amados, possam, tanto quanto a Família Perrone, se beneficiarem com as palavras confortadoras e elucidativas — mensageiras de luzes e bênçãos, presentes em todas as cartas aqui reunidas.

Hércio Marcos Cintra Arantes

Araras, 23 de setembro de 1977.

(Ano do 50º aniversário de atividade mediúnica ininterrupta de Francisco Cândido Xavier.)

1.

Encontro no Lago Azul

Um carro deslizava pela Via Anhangüera, transportando, de regresso a São Paulo, uma aflitiva mãe e seus dois filhos jovens.

Era um grupo familiar traumatizado.

Três meses antes uma dolorosa provação atingiu toda a família, pois, um dos seus queridos componentes, um belo e forte rapaz de apenas 23 anos, faleceu inesperadamente.

D. Maria Perrone, sua mãe, profundamente chocada com o acontecimento, vivia agora sob a ação de calmantes em tratamento médico constante.

Nessa viagem a Campinas, D. Maria estava acompanhada de seus filhos, Berto e Soninha. Embora, sem disposição para qualquer passeio, presa desde cedo a uma melancolia torturante, cedeu à insistên-

cia dos jovens. No percurso, mesmo com belas paisagens desdobrando-se aos seus olhos, não conseguia libertar-se por algumas horas da grande saudade. Ao contrário, em alguns instantes, chegava a sentir-se ao lado do inesquecível filho, Walter. Quantas vezes havia feito aquele mesmo trajeto com ele...

Ao se aproximarem do Restaurante Lago Azul houve uma divergência de opiniões entre Soninha e Berto. Aquele era um ponto de parada do irmão falecido, onde, por várias vezes, todos eles tomaram refeições juntos. Assim, alegando razões de ordem sentimental, ela preferia um outro restaurante. Mas, Berto insistiu em parar naquele local para almoçarem e, com o apoio de sua mãe, convenceu a irmã.

Após a refeição, Berto demorou-se mais do que habitualmente, quedando-se pensativo, chegando a provocar, após algum tempo, a reação de sua irmã:

— Precisamos ir logo, Berto, pois não podemos chegar muito tarde.

Ao saírem do restaurante, já no interior do automóvel, o filho teve a impressão de identificar Chico Xavier, que chegava ao local, embora nunca o tivesse visto pessoalmente. Era-lhe, evidentemente, uma figura conhecida pela imprensa e televisão. A família Perrone, católica, nunca se havia aproximado do Espiritismo, Doutrina onde Xavier se destaca como um dos médiuns mais operosos.

Berto comunica aos familiares sua idéia.

D. Maria já tinha ouvido falar naquele homem — possível intermediário entre os vivos e os mortos — e intimamente nutria o desejo de encontrá-lo. Mas, católica fervorosa, buscara, até então, lenitivo

e esclarecimento somente em sua religião. Como alguém perdido num imenso mar de melancolia e aflições, vê na figura simples e acolhedora do médium um possível barco salva-vida. Nesse instante crítico de sua existência, reunindo energias íntimas, venceu o preconceito e, descendo rápida do veículo, aproximou-se do médium, dizendo:

— Desculpe-me, se estou enganada; o senhor é Chico Xavier?

De pronto, Xavier, que ali estava em companhia de alguns amigos, respondeu-lhe:

— Sim, minha senhora.

— Meu irmão, necessito de sua palavra de conforto, faz hoje três meses que perdi um filho.

— Já sei. É a família Perrone.

A afirmativa do médium causou-lhe grande e comovente surpresa.

E, em seguida, Chico fez uma pergunta não menos surpreendente:

— O menino já nasceu? Tem o nome do pai?

Soninha e sua mãe emudeceram atônitas. Berto ficou trêmulo.

Walter — o primogênito do casal Sr. Murillo e D. Maria — falecido a 14 de fevereiro de 1974, havia deixado a esposa grávida de 7 meses. E, na data do primeiro encontro da família com o médium, o nenê já havia nascido e realmente recebido o nome de seu pai.

Compreendemos que Xavier foi antecipadamente, por via mediúnica, informado dos acontecimentos que afligiam a mãe e seus filhos.

Refazendo-se das profundas emoções provocadas pelo inesquecível diálogo, D. Maria confirmou ao médium o que ele mesmo havia dito à família, sem que os conhecesse. E, sentindo-se ao lado de alguém, que poderia estabelecer uma reaproximação, pelo menos informativa, com seu amado filho desencarnado, suplica-lhe notícias do mesmo. Na ocasião, desconhecia totalmente o que era mediunidade, mas diante de revelações claras e insofismáveis, ainda mais, proferidas num encontro casual, não teve dúvidas em fazer tal pedido. Os seus olhos, marejados de lágrimas, vislumbravam agora uma ponte segura entre nós e os que já atravessaram o rio inevitável da morte.

— E o meu filho como está, Chico? Onde está ele?

O médium tinha compromissos inadiáveis à sua espera; companheiros concitavam-no a seguir viagem, mas, sem se alongar em explicações, confortou a mãe suplicante:

— O seu filho está sempre com a senhora. No momento oportuno nós nos encontraremos e, se Deus permitir, a senhora receberá uma palavra dos Amigos Espirituais. Ainda não chegou a hora.

Após a despedida, mãe e filhos choraram de emoção. Não viam o momento de chegarem a São Paulo, para transmitirem aos seus o acontecimento auspicioso.

Com esse feliz e inesperado encontro, brotava naqueles corações uma esperança nova, um primeiro raio de sol após longo inverno de dolorosa e brusca separação entre almas queridas.

A Caminho de Uberaba

Após o seu primeiro contacto com o médium Chico Xavier, D. Maria sentiu-se um pouco mais confortada com a promessa de receber futuramente, do Além, informações de seu inolvidável filho Walter.

Entendemos que, naquele encontro, quando fenômenos mediúnicos irrefutáveis se manifestaram, ela e seus filhos receberam a semente vigorosa da crença na sobrevivência da alma após a morte do corpo e na possibilidade de comunicação entre os vivos mergulhados na carne e os vivos do Mundo Espiritual.

Mas, a amorosa mamãe estava exausta.

O grande *stress* decorrente da “perda” inesperada de seu querido filho havia-lhe esgotado importantes energias psicofísicas. Um tratamento médico intensivo fazia-se necessário. E, D. Maria, sob ori-

entação de seus facultativos amigos, recolheu-se no Hospital Santa Helena.

O tempo — nosso inestimável aliado — quando estamos enleados a problemas aparentemente insolúveis, não transcorreu em vão. D. Maria obteve grandes melhoras e regressou ao lar.

Com a aproximação da missa de 6º mês de falecimento, a profunda saudade de seu filho foi-se acentuando num crescente incontrolável, refletindo perigosamente em sua saúde.

A esperada solenidade litúrgica deu-se na noite de 14 de agosto de 1974, na Igreja Cristo Rei, celebrada por um sacerdote irlandês.

Nos dias que se seguiram ao acontecimento, o estado de saúde de D. Maria piorou sensivelmente, entrando em forte crise depressiva. Só melhorou quando recebeu, na tarde de 22 de agosto, a visita de um sobrinho que era muito amigo de Walter. Ele contou-lhe um sonho, bem nítido, que seu irmão Toninho, também conhecido entre os familiares por Tuna, tivera com seu filho desencarnado:

— Tia, o Toninho via-se em seu ambiente de trabalho, quando Walter lhe surgiu à frente e lhe disse: — “Tuna, eu vim visitá-lo, mas preciso ir logo, pois tenho de visitar a minha velhinha; ela está muito triste.”

D. Maria interpretou que o filho amado desejava comunicar-se com ela. Mas, de que forma? Lembrou-se, então, de Chico Xavier. As revelações recebidas no Lago Azul não foram levadas pelo vento. Pelo contrário, agora, estavam mais avivadas do que nunca.

O pressentimento de que receberia, finalmente, uma comunicação do filho pelo médium de Uberaba surgiu instantaneamente.

— Quando terminei de ouvir a narrativa de meu sobrinho, firmei o pensamento e disse: — “Vou a Uberaba encontrar o meu filho.”

São estas as palavras textuais de seu *Diário íntimo*.

Expôs sua aspiração aos familiares, mas não encontrou o menor apoio. Essa falta de receptividade é compreensível, pois a sua saúde estava seriamente abalada, o que muito preocupava a todos.

Mas, nessas alturas dos acontecimentos, ninguém bloquearia o seu desejo ardente. Falaria mais alto ante qualquer argumento a impulsividade de um coração materno que, por uma forte razão íntima, partiria em direção ao seu filho idolatrado.

Entretanto, nunca havia estado em Uberaba.

Quem a levaria lá? A comadre D. Célia de Carvalho foi lembrada, pois, além de amiga sincera, professava o Espiritismo.

Apesar de não conhecer pessoalmente Chico Xavier, nem a cidade mineira, a amiga aceitou, de pronto, o convite. E, já no dia seguinte, seguiram com destino a Uberaba.

A própria D. Célia, residente em São Paulo, a quem agradecemos os depoimentos solicitados por nós, assim relata tais acontecimentos:

“A minha amizade com a Maria e sua família é antiga. Conhecemo-nos quando o Wal-

tinho tinha 5 anos. Nossos filhos sempre foram muito amigos.

Quando aconteceu o inevitável, e Waltinho foi chamado pelo Senhor, sentimos muito a sua ausência. Era muito amoroso para com todos. Quando me via, mesmo na rua, parava para beijar-me.

Ao receber o convite da comadre para acompanhá-la a Uberaba, não pensei duas vezes, porque sempre acreditei no Espiritismo e tenho fé nos Amigos do Além. Apenas, antes de seguirmos viagem, tive o cuidado de anotar o telefone dela, com receio de que algo lhe pudesse acontecer, em virtude de seu precário estado de saúde. Apesar de seu desespero, ela ia com muita esperança e no ônibus dizia: "Coração de mãe não se engana, o Walter está me esperando."

A tardinha chegamos a Uberaba e tomamos, de imediato, um táxi, pedindo ao motorista que nos levasse ao "Centro Espírita do Chico Xavier", pois não sabíamos onde o médium atendia. Pensamos que, lá chegando, fôssemos entrar em contacto com facilidade, mas a fila na "Comunhão Espírita Cristã" (o nome verdadeiro da instituição) era enorme, e antes que chegássemos até ele, venceu o tempo em que o povo era atendido antes do início da reunião, marcada para as 20 h. Pessoas prestativas informaram-nos que Chico nos atenderia após a reunião. Porém, a Maria poderia escrever o nome dela e do filho falecido num papel e colocá-lo sobre a mesa, que posteriormente seria encaminhado ao médium. Assim ela fez,

redigindo: "Murillo Perrone e Maria Perrone pedem notícias de seu filho desencarnado em 14/2/1974."

Enquanto os confrades, assentados em torno de uma grande mesa, faziam palestras doutrinárias, Chico Xavier permanecia numa saleta reservada. O que psicografava nesse recinto — atendendo ao apelo de dezenas de pessoas cujos nomes haviam sido colocados nas folhas de papel — ia sendo distribuído ao público. Permanecemos em expectativa. Após várias remessas de ditados mediúnicos entregues ao povo, o homem encarregado dessa função anunciou o nome de Maria. Emocionada, recebeu o seu papel que continha a mensagem:

— "Filhos, Jesus nos abençoe. O nosso caro jovem está cooperando espiritualmente em favor dos entes queridos que deixou na Terra. Confiemos nas bênçãos de Jesus, hoje e sempre."

Aproximadamente, às 24 h., o médium reapareceu no salão e assentou-se à cabeceira da mesa. Pouco depois, começou a escrever em transe mediúnico. Ao seu lado, uma senhora ia virando as páginas soltas de papel, quando já preenchidas. Todos permaneciam em respeitoso e profundo silêncio.

Em seguida, o próprio Chico leu a mensagem que começava com a frase: — "Querida mamãe, querido papai, querida Suely, meus irmãos queridos, estou em prece, agradecendo a alegria de poder enviar esta carta."

Sim. Era o Waltinho, que após 6 meses de separação conversava com os familiares através daquela bela e abençoada carta. Choramos muito, de emoção e saudades. A Maria voltou de Uberaba bem mais confortada, plenamente convencida da comunicação de seu idolatrado filho, agora domiciliado no Mundo Maior."



Confirma-se, assim, a notável premonição da saudosa e amargurada progenitora, porque havia revelado a todos os seus, na véspera, a convicção íntima do reencontro com o filho amado. O próprio Espírito de Walter deve ter-lhe transmitido mentalmente tal informação, intuição facilitada pela profunda afinidade espiritual — reflexo de fecundo e imensurável amor entre mãe e filho.

O *pressentimento* é sempre um sublime e providencial recurso que verte do Mais Além aos corações humanos, em múltiplas situações, ora orientando os nossos passos pelo estreitos caminhos que devemos palmilhar, ora amortecendo o choque dos grandes e inesperados sofrimentos.



Os detalhes da narrativa de D. Célia, referentes à reunião pública de que o médium Xavier participou, são-nos inteiramente conhecidos, pois há 17 anos temos assistido a numerosas dessas reuniões em Uberaba. Em várias delas, com a presença de centenas de pessoas, presenciemos o impacto do reencontro de criaturas com os seus *mortos* queridos, identificados nas comunicações psicografadas.

Embora, habituado, por força de nossa profissão, com as emoções provocadas pelos dramas da enfermidade e da morte, confessamos ao leitor que, por algumas vezes, nos emocionamos profundamente, ao ver mães ou filhos em choro convulsivo, por reconhecerem, nas mensagens do Mundo Espiritual, os filhos ou pais amados. Naturalmente, também nos sensibilizamos pelas palavras dos comunicantes, que, além de enternecedoras, abordam sempre problemas familiares graves. Uma destas mensagens, psicografada em noite inesquecível para nós e endereçada à D. Maria Perrone, integra esta obra.

Vejamos, a seguir, a Primeira Carta de Walter, recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, em reunião pública da "Comunhão Espirita Cristã", na noite de 23 de agosto de 1974, em Uberaba, Minas Gerais.

3.

Primeira Carta

Querida mamãe, querido papai, querida Suely, meus irmãos queridos, estou em prece, agradecendo a alegria de poder enviar esta carta.

Deus nos conceda a sua bênção. Mamãe querida, lutei muito por estes minutos.

Preciso, mas preciso muito pedir a sua confiança em Jesus. Estou ainda menos refeito, digo "menos", porque estou balançando entre melhoras e quedas súbitas de emoção.

Prosseguimos juntos, nós todos, o tempo de sempre, incluindo nossa Wilma.

E Waltinho? — pois agora querida mamãe, tenho igualmente um Waltinho para adorar e cuidar.

Estão em meu íntimo, papai, Soninha, Berto, e a familinha mora em meu coração, mas a senhora, minha velhinha, é como se fosse eu mesmo...

Não chore mais, querida mãezinha, suas lágrimas chegam a mim e me transtornam.

Quero esquecer o que me aconteceu, liberar-me de todas as recordações negativas; no entanto, quando a vejo reconstituindo mentalmente aqueles quadros todos, desde a janela para atender o chamado dos meus amigos, até aquela hora inolvidável de despedida, tudo volta em seu filho ao modo de uma sombra que furtasse a visão. Seja a oração com saudade, a nossa saudade melhorando, até transformar-se em esperança.

Agora entendo melhor a minha velhinha rezando sempre como se fosse Nossa Senhora na Terra, porque estou aprendendo a rezar também. A vida continua, não há morte. Tudo que sucedeu veio pelo melhor que nos podia buscar. Aos poucos vou estudando os assuntos para compreendê-los. Vou demorar a saber tudo, porque para isso, amados meus, será preciso tranqüilidade para conhecer as situações e reconhecer-nos dentro delas, mas saberemos tudo no momento oportuno.

Para isso precisamos de paz.

Papai, meu querido papai: a nossa velhinha precisa muito de distração, e o senhor é aquela autoridade do amor que pode auxiliar-nos.

Soninha, você continue como a nossa querida Su, a retirar mamãe dessas horas difíceis.

Mamãe, sofri muito ao vê-la com tratamento de repouso mental por minha causa. Foi o meu primei-

então o
melhor a
minha velhi
nha regando
sem pre como
a fosse Maria
Senhora na
Terra, por
que estou

a prestando
a regar tam-
bém. A vida
continua, não
há morte,
tudo o que
morrer
veio pelo
meu que

ro trabalho aqui, arrancá-la daqueles momentos de angústia. Nunca pensei que pudesse começar fazendo alguma coisa no Santa Helena, pois comecei por lá e venho rogar à senhora, minha santa velhinha, para sorrir e viver. Lembre-se de que a nossa querida Su e eu, precisamos de seus braços para o Waltinho.

Quanta coisa a fazer!...

E os outros pequeninos que esperam por nós?

Mamãe, não continue assim mergulhada nas idéias da morte, porque a vida prossegue, e nós prosseguimos trabalhando e com necessidade de trabalhar sempre mais.

Querida mãezinha, converso neste papel com todos os nossos, conversando com o meu coração.

Sigamos para diante lembrando o bem e esquecendo tudo o que nos tenha parecido o mal na estrada percorrida.

Olvidemos as horas tristes atravessadas e superadas. E tenhamos para o irmão menos feliz do caminho, pensamentos de bondade e compreensão.

Agradeço tudo o que meu pai e os meus fizeram contra idéias de ódio ou ressentimento.

Deus está em nós e devemos permanecer em Deus.

Mamãe querida, estou quase bem — se isso pudesse acontecer — porque para sentir-me plenamente bem, seria preciso estarmos aqui todos juntos.

O meu avô Perrone me recolheu no Pronto Socorro. Dormi com serenidade e só depois de acordar

vim a saber que ele me amparava com carinho e bondade que hoje posso avaliar com noção mais ampla de gratidão e entendimento. A ele se unia a irmã e benfeitora Mariazinha, que me disse tomar de algum modo, o seu lugar junto a mim, até que eu possa ser mais útil e assim, querida mamãe, não há motivo para desespero e aflição.

Procuremos viver e conformar-nos, sobretudo fazendo o bem que pudermos, porque onde estou, o que se conta é o que se fez.

Peço à querida Suely continuar estudando, que ela não siga meu exemplo de pouca dedicação aos livros, embora cultivasse com alegria os dons do trabalho.

Nosso querido Waltinho será abençoado, como sempre, por Deus e seguiremos ao encontro do futuro com a nossa fé sempre mais viva.

Tanta coisa para dizer e escrever, mas o tempo está voando.

Agradeço as orações de minha madrinha, tia Isaura, e os cuidados da nossa querida tia Guida.

Não tenho palavras para agradecer aos nossos amigos, doutor Massau, doutora Harliey e doutor Edgard, tudo o que fizeram e fazem por nós.

Querido papai, o senhor me sente sim, a presença, quando está pensando em casa ou em nosso trabalho da rua Vilela.

Estou ainda muito ligado a todos.

Ajudem-me.

Quando recordo os episódios daquele 14 de fevereiro, a cabeça tonteia e, se não me amparam, torno a cair.

Meu Deus, a vida é maravilhosa, e sublime também é a dor que nos desperta a iluminar-nos com a bênção de nova compreensão.

Papai, auxilie a nossa querida Su. Ela está tão inexperiente e tão jovem. Deixe-a por filha em meu lugar. O senhor e a minha velhinha farão por mim o que não posso agora. Melhorarei e mais tarde farei o que puder para vê-la feliz. Agradeço a ela a paciência e a conformação com que me auxilia.

Carlos, você e a cunhada Sônia recebam todo o meu amor.

Soninha, muito obrigado.

Papai, abençoe-me e creia que seu filho, ao lado de meu avô, pede a Jesus o recompense.

Mamãe querida, meu coração está com o seu em nossas lembranças de aniversários e tudo o que a senhora pensa eu estou pensando também. Façamos juntos as nossas preces, e receba um ramalhete de flores com a nossa querida Suely; são flores do coração, sem ser dos jardins terrestres.

Querida velhinha, cuide da saúde e trate de viver, pois seu filho está vivendo com aquela fé em Deus, que o seu carinho plantou em meus sentimentos.

Queridos meus, é preciso terminar.

O amor vence a morte e desconhece o tempo, mas aqui devo satisfazer as recomendações dos que me auxiliam.

Para a querida mamãe, para o querido papai, para a querida Su, e para o Waltinho querido, para os queridos irmãos, o beijo de muito carinho e de muita confiança, com todo o amor e todo o reconhecimento de quem os acompanha de coração reconhecido.

Walter.

4.

O amor vence a morte e desconhece o tempo

Em todo o desenrolar da Carta do Espírito de Walter, sentimos o pulsar de um coração fremente de amor engrandecido.

Amor a Deus... afirmando: *"Deus está em nós e devemos permanecer em Deus."*

Amor à vida... exclamando: *"Meu Deus, a vida é maravilhosa."*

Amor ao trabalho... esclarecendo: *"A vida prossegue, e nós prosseguimos trabalhando."*

Amor aos seus íntimos e aos amigos da família... com dedicação especial à sua "querida velhinha", expressão de tratamento que sempre usou para com sua mãe: *"Venho rogar à senhora, minha santa velhinha, para sorrir e viver."*

Destarte, diante destas manifestações de elevado sentimento, podemos repetir com o Autor Espiritual:

O amor, mais uma vez, venceu a morte!



A morte física nada mais é do que uma mudança de estado, a transferência do Espírito — ser inteligente da criação — do escafandro carnal para um Plano de vibrações mais sutis.

A campa é o marco do nosso regresso à realidade maior, retorno ao Mundo eterno, normal e primitivo do Espírito imortal — mas essa viagem não opera milagres em ninguém. Continuamos os mesmos, com a nossa individualidade, que é um dos atributos básicos do Espírito. As virtudes ou as imperfeições morais, a sabedoria ou a ignorância, que fazem morada em nosso ser, não sofrem mutações repentinas.

Comentando sobre a vida além da morte, elucidando-nos Emmanuel:

"Atravessado o grande umbral do túmulo, o homem deseducado prossegue reclamando aprimoramento.

A criatura viciada continua exigindo satisfações aos apetites baixos.

O cérebro desvairado, entre indagações descabidas, não foge, de imediato, ao poço de obscuridades em que se submergiu.

E a alma de boa-vontade encontra mil recursos para adiantar-se na senda evolutiva, amparando o

próximo e descobrindo na felicidade dos outros a própria felicidade." (1)

Walter é o Espírito de boa-vontade que se atirou em auxílio aos entes queridos, que ficaram na Terra, presos a problemas aflitivos, mesmo antes de uma completa adaptação em sua *nova vida* e de gozar pleno equilíbrio emocional, pois confessa que, embora "*balançando entre melhoras e quedas súbitas de emoção*", sofreu muito, ao ver sua estimadíssima progenitora hospitalizada por sua causa.

Evidentemente, logo que pôde, integrou-se a equipes socorristas do Mundo Espiritual, cooperando decisivamente na recuperação da saúde materna: "*Foi o meu primeiro trabalho aqui, arrancá-la daqueles momentos de angústia.*"

Contudo, não ignorava que uma cartinha sua, com palavras de conforto e de orientação, muito ajudaria no reequilíbrio emocional da mãezinha idolatrada e de seus familiares inesquecíveis. E, passou a trabalhar também com esse objetivo.

Mas, sabemos que o número de entidades espirituais que procuram aproximar-se dos seus entes amados encarnados, de um modo mais direto ou concreto, por via mediúnica, é enorme. E os médiuns — que trabalham com humildade e devotamento sincero ao próximo, constituindo intermediários seguros e fiéis entre o Aqui e o Além — são, naturalmente, os mais procurados, formando com o tempo uma fila imensa de postulantes. É uma lei

(1) XAVIER, Francisco Cândido — Roteiro. Pelo Espírito Emmanuel. 3. ed., Rio de Janeiro, FEB [1972] cap. 29.

geral da vida. Como o trabalho de um médium muito solicitado tem um limite de atendimento, entendemos claramente a afirmativa de Walter: "*Mamãe querida, lutei muito por estes minutos.*"

Quantas situações aqui no plano terráqueo ficariam conturbadas e, às vezes, seriamente comprometidas, se o intercâmbio entre os habitantes dos Dois Mundos — material e espiritual — fosse franqueado amplamente!

Entendemos, assim, que as comunicações autênticas obedecem a diretrizes superiores para que elas se processem com real proveito a todos.

Walter, pelo seu trabalho assistencial, com base no amor puro e pelas suas intenções enobrecidas, resultantes de maturidade espiritual invejável, conquistou o mérito de transmitir, através de um lápis mediúnico honrado, tudo o que queria e precisava dizer.



Facilmente se observa que a carta, endereçada por intermédio do correio mediúnico, é rica em informações comprobatórias de sua autenticidade.

Não bastando as características da personalidade ativa e amorosa de Walter, extravasadas nessa missiva, deparamos com numerosas citações totalmente confirmadas pela sua família, as quais comprovam a legitimidade da mesma.



NOTAS ELUCIDATIVAS

Por ordem de aparecimento no texto, esclareceremos as referências contidas na mensagem:

1) *mamãe e papai* — D. Maria D. Perrone e Sr. Muril'o Perrone, residentes em São Paulo, à Rua Emílio Mallet, nº 244, Tatuapé.

2) *Suely* — Suely Perrone, esposa.

3) *Wilma* — Wilma Marinho, empregada da casa, muito estimada pela família Perrone.

4) *Waltinho* — Walter Perrone Filho, nasceu 2 meses após a desencarnação do pai.

5) *Soninha* — Sônia Aparecida Perrone, irmã.

6) *Berto* — Carlos Roberto Perrone, irmão.

7) *Minha velhinha* — Quando encarnado, assim tratava a sua mãe.

8) *Su* — Na intimidade, assim chamava a sua esposa, Suely Perrone.

9) *Santa Helena* — Hospital onde D. Maria Perrone ficou internada, 3 meses após a desencarnação do filho.

10) *Avô Perrone* — Carlos Perrone, desencarnado em 6/11/1962, aos 66 anos de idade.

11) *Mariazinha* — Mãe de um colega do Autor Espiritual. Faleceu 4 anos antes do Walter.

12) *Tia Isaura* — Isaura D. Hernandez, madrinha de Walter, porém, carinhosamente, ele a chamava de "Tia Isaura."

13) *Tia Guida* — Margarida D. Campoi, também carinhosamente tratada por "Tia Guida."

14) *Doutor Massau* — Dr. Massau Simizo, médico da família e do Hospital Santa Helena.

15) *Doutora Harliey* — Dra. Harliey Fernandes Rizzo, amiga da família.

16) *Doutor Edgard* — Dr. Edgard de Barros, médico da família, há 30 anos.

17) *Rua Vilela* — local da indústria de propriedade da família, da qual era sócio.

18) *14 de fevereiro* — data do desenlace.

19) *Carlos* — irmão já mencionado, porém, este era o modo como o tratava comercialmente; na intimidade o chamava de Berto.

20) *Sônia* — Sônia Constantino Perrone, esposa de Carlos.



Walter Perrone

Meu filho Walter

Com o objetivo de apresentar ao leitor um perfil biográfico do Autor Espiritual desta obra, para uma melhor compreensão de vários aspectos de suas mensagens — reflexos de uma personalidade enobrecida — recorreremos à sua progenitora que prazerosamente nos escreveu a seguinte biografia:

“Meu filho, Walter Perrone, nasceu em São Paulo, a 4 de setembro de 1950, na Maternidade do Brás.

Com 1 mês de vida Walter foi acometido de grave enfermidade. Em face da aflitiva situação, meu marido e eu decidimos, sem mais delongas, batizá-lo na Igreja São José, do Belém, onde nos casamos. Após o ato litúrgico, ajoelhei-me, com muita fé, aos pés do altar de São José e pedi que salvasse meu filhinho. Desse dia em diante, Waltinho, como era chamado, começou a engordar, ficou muito forte e

lindo, passando a ser chamado de "gordinho". Era uma criança muito calma e sorridente, com um sorriso de bondade que o acompanhou sempre.

Desde os primeiros anos escolares, freqüentou com assiduidade as aulas do Colégio Agostiniano São José, no Belém, embora não demonstrasse muito pendor para os estudos.

Aos 15 anos de idade, externou o desejo de deixar os estudos para somente trabalhar com seu pai. Eu e Murillo achamos que ele estava certo, bem intencionado, e concordamos. Mais tarde, fez um curso intensivo no Colégio Santa Inês.

Na fábrica de propriedade de nossa família, revelou-se um dos elementos mais importantes pela sua capacidade de trabalho e elevada responsabilidade. Atuava no setor de relações públicas.

No trabalho ou fora dele, com um jeitinho todo especial, cativava com facilidade a simpatia das pessoas com as quais mantinha contacto. Até hoje sua pessoa é lembrada com muito carinho. Criou laços de amizade que se estenderam a toda nossa família, como pudemos constatar, quando nos deixou e ainda até esta data.

Quanto à religião, admirava o Espiritismo, mas não era praticante. Ultimamente, me falava do Chico e um dia disse-me: — Mamãe, gravei uma entrevista do Chico Xavier para a senhora.

Contudo, qual não foi a nossa surpresa: alguém havia gravado uma música na mesma fita, apagando a entrevista. Walter ficou sem jeito e falou-me: — Não faz mal, mamãe, vou arrumar-lhe outra fita

e por hora, aqui está um livro do Chico para a senhora.

Era o *Entre Duas Vidas*. Demonstrei grande alegria ao receber esse presente e pensei: agora os presentes do Walter serão livros do Chico. Guardei-o com muito carinho e após três dias, em 14 de fevereiro de 1974, ocorreu o acontecimento que o levaria de nosso convívio.

Por esse motivo, creio que existem Forças Superiores que encaminham recursos, visando ao nosso preparo para as grandes provas, mas nem sempre conseguimos compreender.

Hoje sou aquele grão de mostarda que pretende ser um grão maior, com as bênçãos do nosso Mestre Jesus."



Em parte, estas pinceladas biográficas escritas por D. Maria surpreenderam-nos.

Explicaremos. Já tivemos a oportunidade de conversar com ela várias vezes sobre o seu relacionamento com o filho Walter, e percebemos claramente que vibrava (e vibra) um imenso e recíproco amor sublimado entre ambos, transcendendo o habitual, somente explicável pela *lei da reencarnação*. Em seu *Diário Íntimo*, escrito a partir da desencarnação do filho, que generosamente nos permitiu ler, encontramos frases comoventes e sinceras brotadas de um coração dilacerado pela dor da separação de um ente adorado. Assim, esperávamos que D. Maria escrevesse algo mais sobre a profunda afeição que entrelaçava os seus corações.

Mas, preferiu silenciar quanto aos arreoubs recíprocos de ternura que eram uma constante entre mãe e filho.

Quantas vezes não encontramos em nossa linguagem expressões que traduzem fielmente o que se passa em nosso íntimo?

Foi um silêncio ditado pelo equilíbrio, compreendemos perfeitamente a sua posição.

O próprio Espírito de Walter confirmou as nossas observações: *"Estão em meu íntimo, papai, Sô-ninha, Berto, e a familinha mora em meu coração, mas a senhora, minha velhinha, é como se fosse eu mesmo..."*



Teria sido casual a colocação em suas mãos do livro *Entre Duas Vidas?* Cremos, igualmente com D. Maria, que o presente recebido de Walter, três dias antes de sua desencarnação, foi insofismável manifestação da Providência Divina. O livro, lançado em janeiro de 1974, é constituído de mensagens de vários Espíritos recém-libertos da matéria, emocionantes e confortadores cartas endereçadas aos seus familiares, recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier e comentadas por Elias Barbosa.



Tão-somente para favorecer o nosso estudo e meditação das mensagens de Walter, focalizaremos mais alguns ângulos da vida do Autor Espiritual com informações prestadas pelo Sr. José Custódio Chris-

tovam, residente em São Paulo, amigo da família Perrone, a quem nos tornamos devedores pela amabilidade em atender à nossa solicitação, endossada pela D. Maria Perrone.

Dando à sua página o título de "O lindo caso de Walter Perrone em São Paulo", assim se expressou:

"Acredito ser difícil, para qualquer pessoa que tenha convivido com o nosso bom amigo Walter Perrone, descrever com perfeição a figura meiga, educada, simpática e humilde de um jovem de 23 anos com um comportamento mais condizente com alguém contando o triplo de sua idade.

Desde os primeiros contactos, travados em conjunto com o seu pai e o irmão Carlos, pude perceber que aquele jovem era portador de uma aura fluidica benéfica, muito expressiva.

Quando já reafirmada a simpatia encontrada naquelas três pessoas, ao tratar de negociação de máquinas que a indústria dos mesmos estava produzindo, na Rua Vilela, e vendendo à empresa internacional, da qual eu era o representante, no setor de compras, tive a oportunidade de comentar sobre a originalidade da mediunidade de Francisco Cândido Xavier, demonstrada em público várias vezes pela televisão, principalmente, por duas vezes, através do "Programa Pinga-Fogo".

Contando-lhes que visitava o Chico Xavier, com o qual mantinha correspondência, há quase vinte anos, houve grande entusiasmo por parte do pai e filhos no sentido de conhecê-lo de perto, tão logo houvesse oportunidade para

isso. Como gostei muito do interesse manifestado, prometi obter do médium uma mensagem para o Sr. Murillo, pai de Walter e Carlos.

Assim fiz. Mas qual não foi o meu espanto, quando recebi pelo correio, em lugar da mensagem, um dos mais recentes livros psicografados na época (início de 1974): *Entre Duas Vidas*, com dedicatória para o Sr. Murillo e família, o qual entreguei ao Walter quando me visitava, três dias antes de seu passamento.

Como não podia deixar de ser, comparei aos funerais de tão triste lembrança, em que o desespero se apossava de todos os familiares e amigos, e, em maior dose, da progenitora, Sra. Maria Perrone, que era amparada pela gentil e meiga filha Sônia, pelo filho Carlos e pelo esposo, Sr. Murillo. Julgando oportuno o momento, dei prosseguimento à conversação anterior sobre o nosso caríssimo Chico Xavier. Ali externei, àquela família apossada pela dor pungente da brusca separação de um ente querido, meu pressentimento de que, após decorrido algum tempo do passamento, poderíamos tentar obter junto ao médium de Uberaba uma mensagem psicografada daquele pranteado jovem, a exemplo do que já havia ocorrido com inúmeros outros desencarnados em situações análogas.

Passados três meses da triste ocorrência, houve o feliz e chamado "casual" encontro entre D. Maria e os filhos Carlos e Sônia com o nosso exemplar médium, Chico Xavier, no Posto e Restaurante Lago Azul, na Rodovia Anhangüera.

Deslumbrados com a magnífica identificação feita no ato pelo Chico, receberam a esperança de uma possível comunicação mediúnica do jovem desencarnado, fato que se verificou meses após.

Desnecessário seria dizer acerca do consolo recebido por todos daquele lar com a chegada da mensagem portadora de bênçãos aos corações em lágrimas, transmitindo a certeza de que a morte não existe para os que procuram entender a Doutrina, reafirmando a Verdade Evangélica de Cristo, encerrada nas belas e puras palavras de Walter: *O amor vence a morte e desconhece o tempo...*

A transformação verificada naquela sofrida família foi maravilhosa! D. Maria, sua filha Sônia e demais familiares, freqüentemente, passaram a desenvolver socorro a outras mães que sofrem o mesmo drama da separação brusca e prematura de filhos queridos. Este atendimento, evidentemente, dentro de suas possibilidades, é prestado, com o mais elevado espírito de fraternidade, esparzindo os frutos da Doutrina Consoladora, codificada pelo insigne Allan Kardec.

Louvado seja Deus!"

6.

Desencarnações prematuras e violentas

Em todos os quadrantes de nossa “casa planetária”, um acontecimento natural ocorre incessantemente, ainda inaceitável pela maioria esmagadora das criaturas: a morte.

Quando em plenitude de saúde, os nossos pensamentos estão sempre voltados para as lutas do dia-a-dia, dirigidos às atividades rotineiras do trabalho ou do lazer, e esse inevitável *fenômeno* dificilmente é lembrado ou analisado seriamente.

Inclusive, há quem diz que prefere — mesmo com tempo disponível para perquirições, além das rotineiras, ou já na senectude — não pensar na morte! Se tudo está bem, porque cogitar do assunto?

Conseqüentemente, a morte nos colhe sempre de surpresa.

Diante de um fato inevitável, que ocorrerá conosco e com os nossos entes amados, a lógica recomenda-nos preparar para enfrentá-lo. Enfrentar e aceitar o acontecimento com o máximo de equilíbrio possível, que só poderá ser alcançado com a compreensão plena das leis que regem o *fenômeno*. Não podemos ir de encontro às Leis da Natureza, pelo contrário, o bom-senso aconselha-nos o estudo e a meditação das mesmas.

É indiscutível que a extinção da vida física, embora represente a execução de uma lei, que atinge a todos os seres vivos, permaneça inaceitável, e, inclusive temida pela maioria das pessoas.

Quais são as causas do temor da morte?

Allan Kardec, o Codificador da Doutrina Espírita, analisando tão palpitante e sempre atualizado tema, fez alentado estudo do qual focalizaremos os tópicos, a nosso ver, fundamentais:

a) “A crença da imortalidade é intuitiva e muito mais generalizada do que a do nada. Entretanto, a maior parte dos que nele crêem apresentam-se nos possuídos de grande amor às coisas terrenas e temerosos da morte! Por quê?

b) Este temor é um efeito da sabedoria da Providência e uma conseqüência do instinto de conservação comum a todos os viventes. Ele é necessário enquanto não se está suficientemente esclarecido sobre as condições da vida futura, como contrapeso à tendência que, sem esse freio, nos levaria a deixar prematuramente a vida e a negligenciar o trabalho terreno que deve servir ao nosso próprio adiantamento.

Assim é que, nos povos primitivos, o futuro é uma vaga intuição, mais tarde tornada simples esperança e, finalmente, uma certeza apenas atenuada por secreto apego à vida corporal.

c) A proporção que o homem compreende melhor a vida futura, o temor da morte diminui; uma vez esclarecida a sua missão terrena, aguarda-lhe o fim calma, resignada e serenamente. A certeza da vida futura dá-lhe outro curso às idéias, outro fito ao trabalho; antes dela nada que se não prenda ao presente; depois dela tudo pelo futuro sem desprezo do presente, porque sabe que aquele depende da boa ou da má direção deste.

A certeza de reencontrar seus amigos depois da morte, de reatar as relações que tivera na Terra, de não perder um só fruto do seu trabalho, de engrandecer-se incessantemente em inteligência, perfeição, dá-lhe paciência para esperar e coragem para suportar as fadigas transitórias da vida terrestre. A solidariedade entre vivos e mortos faz-lhe compreender a que deve existir na Terra, onde a fraternidade e a caridade têm desde então um fim e uma razão de ser, no presente como no futuro.

d) A Doutrina Espírita transforma completamente a perspectiva do futuro. A vida futura deixa de ser hipótese para ser realidade. O estado das almas depois da morte não é mais um sistema, porém o resultado da observação. Ergueu-se o véu; o mundo espiritual aparece-nos na plenitude de sua realidade prática; não foram os homens que o descobriram pelo esforço de uma concepção engenhosa, são os próprios habitantes desse mundo que nos vêm descrever a sua situação; aí os vemos em todos os graus da escala espiritual, em todas as fases da

felicidade e da desgraça, assistindo, enfim, a todas as peripécias da vida de além-túmulo." (1)



O vale da morte nunca foi uma barreira intransponível, separando-nos de forma absoluta daqueles que nos precederam na viagem de retorno à Pátria Espiritual.

E, conseqüentemente, as manifestações dos Espíritos se fizeram sentir em todas as épocas da Humanidade, ora mais, ora menos ostensivamente, alertando-nos para as realidades extrafísicas.

Walter Perrone é mais um habitante do chamado Mundo Invisível que nos vem erguer o véu da vida espiritual, expondo-nos a sua nova situação com características pessoais e marcantes, além de citar fatos e nomes, desconhecidos totalmente do médium, somente identificáveis pelos seus íntimos.

Com outras palavras, diremos que a sua carta veio pelo correio mediúnico com o selo da autenticidade.



A habitual repulsa ao fenômeno da morte freqüentemente assume proporções de desespero e de revolta nas situações em que os nossos entes que-

(1) KARDEC, Allan — O Céu e o Inferno ou A Justiça Divina segundo o Espiritismo. 21. ed., rev., trad. do francês por Manuel J. Quintão, Rio de Janeiro, FEB [1974] cap. II.

ridos são atingidos por ela inesperadamente, principalmente quando de forma violenta.

As desencarnações violentas constituem um tema de estudo dos mais oportunos na época atual.

Quem assiste a esses dolorosos acontecimentos ouve sempre as angustiantes exclamações:

— Não posso conformar-me com essa morte!

— Meu Deus, que infelicidade caiu sobre minha família!

— Por que aconteceu essa tragédia, logo comigo?

É a dor dilacerante da separação entre criaturas amadas que amarfanha os corações e impulsiona as mentes dos que ficam, diante dos que partem, a clamar aos céus suplicando, muitas vezes, com o timbre da revolta, uma resposta ou um consolo que possa atenuar os seus sofrimentos.

O desenlace do jovem Walter, como sabemos, ocorreu de forma inesperada.

Como ele viu o acontecimento, *do outro lado da vida*, após seis meses?

— *Tudo que sucedeu veio pelo melhor que nos podia buscar. Aos poucos vou estudando os assuntos para compreendê-los. Vou demorar a saber tudo, porque para isso, amados meus, será preciso tranquilidade para conhecer as situações e reconhecer-nos dentro delas, mas saberemos tudo no momento oportuno. . . . Meu Deus, a vida é maravilhosa, e sublime também é a dor que nos desperta a iluminar-nos com a bênção de nova compreensão.*

Evidentemente, nessa época, Walter já havia recebido lições valiosas de Mentores Espirituais, permitindo-lhe afirmar que tudo sucedeu pelo melhor, para si e para a família.

Quais teriam sido essas lições?

O ponto de partida para o estudo do problema, em tela, é a compreensão de que Deus, Nosso Pai, estabeleceu leis universais — sábias, justas e misericordiosas — norteadoras dos nossos destinos, leis totalmente voltadas para o nosso Bem, permitindo-nos um constante progresso espiritual.

Basta compreendermos um dos princípios que rege a nossa evolução espiritual — a *lei da reencarnação* — para que o horizonte de nosso entendimento se dilate consideravelmente frente às dores físicas e morais e às aparentes injustiças do nosso mundo.

Somos Espíritos imortais, encarnados ou desencarnados, que, através da lei dos renascimentos, caminhamos para a perfeição. A evolução é eterna, gradativa, exigindo de cada um de nós contínuo esforço pela aquisição do amor e da sabedoria.

Assim, entendemos que em cada nova imersão no casulo da carne, exteriorizamos as virtudes carrentes de maior burilamento, e as más tendências que necessitam de correção, trazidas do pretérito.

Todo esse processo evolutivo não se desenvolve ao acaso. O acaso não existe.

Na irrefreável marcha do progresso espiritual, somos influenciados por condições orgânicas e ambientais: das quais o nosso modo de pensar, sentir e agir

dependeria, exclusivamente, segundo a corrente filosófica do *determinismo*. A atuação desses fatores é indiscutível, mas, além deles, há o nosso "eu" espiritual que pensa e age influenciando, reciprocamente, o próprio veículo físico e o ambiente que o cerca.

Desta forma, atuamos com um *livre-arbítrio* que nos é peculiar, facultando-nos a escolha entre o bem e o mal. Embora relativa, tal liberdade nos torna responsáveis pelos nossos atos, que, em todos os dias, participam consideravelmente na estruturação do nosso destino.

Há o determinismo e o livre-arbítrio, ao mesmo tempo, na existência humana?

Em síntese admirável, Emmanuel nos responde:

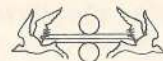
"Determinismo e livre-arbítrio coexistem na vida, entrosando-se na estrada dos destinos, para a elevação e redenção dos homens.

O primeiro é absoluto nas mais baixas camadas evolutivas, e o segundo amplia-se com os valores da educação e da experiência. Acresce observar que sobre ambos pairam as determinações divinas, baseadas na lei do amor, sagrada e única, da qual a profecia foi sempre o mais eloquente testemunho.

Não verificais, atualmente, as realizações previstas pelos emissários do Senhor há dois e quatro milênios, no divino simbolismo das Escrituras?

Estabelecida a verdade de que o homem é livre na pauta de sua educação e de seus méritos, na lei das provas, cumpre-nos reconhecer que o próprio homem, à medida que se torna responsável, organiza o determinismo da sua existência, agravando-o

ou amenizando-lhe os rigores, até poder elevar-se definitivamente aos planos superiores do Universo." (1)



Analizando, detidamente, todas estas causas que traçam os rumos do nosso destino, chegaremos a várias e importantes conclusões, tais como:

1. Recebemos, na Terra, o corpo que merecemos e de que necessitamos.

2. Ao renascermos, o lar que nos acolhe é o me'hor que poderíamos encontrar, pois não só estamos ligados aos familiares por vínculos consangüíneos, mas, fundamentalmente, por laços e compromissos espirituais tecidos no Mundo Maior e no encadeamento das vidas terrenas, sucessivas.

3. Em cada nova jornada terrestre, trazemos um plano de trabalho, organizado no Alto, baseado em nossas necessidades espirituais. Deste plano constam, invariavelmente, provas e expiações. *Provas* são as dificuldades e lutas com vistas à nossa edificação espiritual. *Expições* são os resgates de dívidas do passado. Não desconhecemos que colhemos no presente o que semeamos no passado, assim como a semeadura de hoje, facultada pelo livre-arbítrio, define uma obrigação inevitável de colheita no futuro. É a lei de causa e efeito, regendo as nossas vidas.

O grande escritor francês, Léon Denis, dá a esta lei também os nomes de *lei de justiça* e *lei de res-*

(1) XAVIER, Francisco Cândido — O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. 6. ed., Rio de Janeiro, FEB [1976] q. 132.

ponsabilidade, conceituando-a assim: "... não é, em essência, senão a lei de harmonia; determina as conseqüências dos atos que livremente praticamos. Não pune nem recompensa mas preside simplesmente à ordem, ao equilíbrio do mundo moral como ao do mundo físico. Todo dano causado à ordem universal acarreta causas de sofrimento e uma reparação necessária até que, mediante os cuidados do culpado, a harmonia violada seja restabelecida." (1)

É assaz interessante a comparação entre as leis que governam o equilíbrio do mundo moral com as do mundo físico, pois, assim como leis cósmicas nos presidem a experiência física, invariáveis leis morais nos comandam o Espírito imortal.

Definindo com clareza e precisão as conseqüências dos nossos atos ante a Vida, Denis escreveu a seguir: "O bem e o mal praticados constituem a única regra do destino. Sobre todas as coisas exerce influência uma lei grande e poderosa, em virtude da qual cada ser vivo do Universo só pode gozar da situação correspondente a seus méritos. A nossa felicidade, apesar das aparências enganadoras, está sempre em relação direta com a nossa capacidade para o bem; e essa lei acha completa aplicação nas reencarnações da alma. É ela que fixa as condições de cada renascimento e traça as linhas principais dos nossos destinos. Por isso há maus que parecem felizes, ao passo que justos sofrem excessivamente. A hora da reparação soou para estes e, breve, soará para aqueles." (2)

(1) LÉON DENIS — O problema do ser, do destino e da dor. 9. ed., Rio de Janeiro, FEB [1975] p. 168.

(2) Id. *ibid.*, p. 168.

Sabendo que o Criador desta lei é Todo-Misericordioso, afigura-se-nos perfeitamente compreensível a pergunta: a lei da prova e da expiação é inflexível?

Fundamentado no Novo Testamento, Emmanuel nos elucida:

"Os tribunais da justiça humana, apesar de imperfeitos, por vezes não comutam as penas e não beneficiam os delinqüentes com o "sursis"?"

A inflexibilidade e a dureza não existem para a misericórdia divina, que, conforme a conduta do Espírito encarnado, pode dispensar na lei, em benefício do homem, quando a sua existência já demonstre certas expressões do amor que cobre a multidão dos pecados." (1).

Pois, se o Velho Testamento foi o primeiro manual das revelações da Lei Divina, onde brilham os dez mandamentos recebidos por Moisés, constituindo até hoje o fundamento de todos os códigos da justiça terrestre; o Novo Testamento — escritório das luzes do Evangelho e das mensagens apostólicas — veio, no momento oportuno, revelar à Humanidade a outra face da Lei: a do Amor. Moisés, o austero missionário da Justiça, ensinava: "Olho por olho, dente por dente", mas, Jesus, o meigo nazareno, muitos séculos depois esclareceria: "Amareis a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a vós mesmos. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos." (Mateus, 22:34 a 40).

(1) XAVIER, Francisco Cândido — O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. q. 247.

As causas das aflições humanas, vistas a lume da lei de causa e efeito, foram analisadas com profundidade por Allan Kardec.

Dividiu-as em *atuais e anteriores* à presente existência. As primeiras levam-nos ao sofrimento, em virtude da nossa própria conduta infeliz na vida atual. Ao comentá-las, foi categórico: "Os males dessa natureza formam, seguramente, um notável contingente nas vicissitudes da vida; o homem os evitará quando trabalhar para seu aprimoramento moral e intelectual." (1)

Abordando as causas anteriores à vida atual, nascidas de males cometidos em existências passadas, explica-nos o porquê de tantas dores, aparentemente incompatíveis com a justiça e o amor de Deus, tais como: as doenças congênicas, os acidentes imprevisíveis e inevitáveis, os flagelos naturais, a perda precoce de seres queridos.

Nesse mesmo capítulo — como fez em quase todos os demais da aludida obra, que elucida as máximas morais evangélicas em face dos ensinamentos dos Espíritos do Senhor, ensinamentos que fundamentaram a Codificação da Doutrina Espírita —, Kardec registrou as "Instruções dos Espíritos" pertinentes ao tema em estudo. Dentre estas, destacaremos a mensagem de Sanson, intitulada: "Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras", por focalizar exatamente o assunto de nossas reflexões.

Sanson nos mostra com argumentação convincente que o desespero e a revolta, habituais em nos-

(1) KARDEC, Allan — *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 1. ed., trad. do francês por Salvador Gentile, Araras (SP), IDE [1978] cap. V, p. 72.

sa conduta frente a essas situações, não se justificam. Consola e orienta os familiares que passam pela compreensível e inevitável dor da separação, dirigindo-se especialmente às progenitoras:

"Mães, sabeis que vossos filhos bem-amados estão perto de vós; sim, bem perto; seus corpos fluidicos vos cercam, seus pensamentos vos protegem, vossa lembrança os embriaga de alegria; mas também vossas dores desarrazoadas os afligem, porque elas denotam uma falta de fé e são uma revolta contra a vontade de Deus." (1)

As mensagens do Além frequentemente confirmam as palavras de Sanson.

O apelo de Walter Perrone não fugiu a essa orientação, porque a atitude mental dos que ficam é fundamental para o equilíbrio emocional dos que partem para a Vida Maior:

— *Não chore mais, querida mãezinha, suas lágrimas chegam a mim e me transtornam.Mãe, não continue assim mergulhada nas idéias da morte, porque a vida prossegue.*

4. O momento da morte, bem como a sua causa, não estão sujeitos aos chamados "caprichos de um destino cego", que, se reais, iriam frontalmente de encontro à misericórdia e à justiça de Deus.

Vimos que o nosso destino é resultante da interação do livre-arbítrio e do determinismo, pairando sobre estes dois fatores as Diretrizes Superiores que nos governam a vida.

(1) Op. cit., cap. V, p. 86.

Por exemplo, um Espírito, antes de um novo mergulho na carne, ciente dos atos praticados em encarnações anteriores, examina detidamente os seus débitos e créditos, análise indispensável para novos empreendimentos com vistas a sua evolução espiritual. Se chegar à conclusão, com o auxílio de Benfeitores Celestes, que precisa passar — bem como os seus futuros familiares — pela prova de um desencarne na infância ou na juventude, este será o seu destino. Um destino doloroso para todos, mas justo e necessário em face das leis naturais que norteiam o progresso espiritual da Humanidade.

As diretrizes fundamentais de uma nova encarnação, como a da forma e do instante do passamento, sempre ficam registradas no subconsciente, ou melhor, nos “arquivos profundos” da memória espiritual do reencarnante, como também, muitas vezes, registradas pelos familiares mais próximos, conhecedores dos fatos antes de se reencarnarem. O grau de fixação de tais informes depende do nível evolutivo de cada um. É oportuno lembrarmos também a possibilidade de tomarmos conhecimento de informações tão importantes, quando já habitamos o vaso físico, em estado de vigília (pela intuição) ou nos momentos de desprendimento espiritual durante o sono. Todas estas modalidades de informações, colhidas antes ou depois da reencarnação, caracterizam a *premonição* ou o *pressentimento*.

Daí os lances de inexplicável serenidade observados em muitas criaturas, no leito de dor, à beira da morte... a aceitação resignada dos que cercam o corpo de uma pessoa querida que partiu de forma brusca e inesperada... como que já esperavam, de há muito, o acontecimento.

Evidentemente, tão-só os pressentimentos, não estruturam as reações emocionais frente aos grandes momentos da existência, mas, atenuando o impacto dos mesmos, ajudam-nos a resguardar o coração das explosões emotivas e a imunizar a mente das revoltas intempestivas, permitindo-nos raciocinar e atuar com o melhor equilíbrio possível.

— “Não há de fatal, no verdadeiro sentido da palavra, senão o instante da morte. Quando esse momento chega, seja por um meio ou por outro, vós não podeis dele vos livrar.” (1)

Esta foi a clara e concisa resposta dos Espíritos a Allan Kardec, quando interpelados sobre a possível fatalidade da morte.

Ao receber este esclarecimento, o Codificador interrogou-os de pronto:

— “Assim, qualquer que seja o perigo que nos ameace, nós não morremos, se a hora não é chegada?” (2)

Obtendo a resposta:

— “Não, tu não perecerás, e disso tens milhares de exemplos. Mas, quando é chegada a tua hora de partir, nada pode subtrair-te dela. Deus sabe, antecipadamente, de qual gênero de morte tu partirás daqui e, freqüentemente, teu Espírito o sabe também, porque isso lhe é revelado, quando ele faz a escolha de tal ou tal existência.”

(1) KARDEC, Allan — O Livro dos Espíritos. 3. ed., trad. do francês por Salvador Gentile, Araras (SP), IDE [1977] q. 853.

(2) Id. *ibid.*, q. 853.

Estas elucidações levam-nos, forçosamente, a meditar sobre questão tão grave, com implicações profundas em nossa vida.

O Espírito de Sanson, em sua mensagem anteriormente citada (1), também nos chamou a atenção da "sábia providência" onde pensamos divisar "a cega fatalidade do destino", com estas palavras:

"Quando a morte vem ceifar nas vossas famílias, levando sem moderação as pessoas jovens ao invés das velhas, dizeis freqüentemente: Deus não é justo, uma vez que sacrifica esse que é forte e pleno de futuro, para conservar aqueles que viveram longos anos plenos de decepções; uma vez que leva aqueles que são úteis e deixa aqueles que não servem mais para nada; uma vez que parte o coração de uma mãe privando-a da inocente criatura que fazia toda a sua alegria.

Humanos, é nisto que vós tendes necessidade de vos elevar acima do terra-a-terra da vida, para compreender que o bem, freqüentemente, está onde credes ver o mal, a sábia providência aí onde credes ver a cega fatalidade do destino. Por que medir a justiça divina pelo valor da vossa? Podeis pensar que o senhor dos mundos queira, por um simples capricho, vos infligir penas cruéis? Nada se faz sem um objetivo inteligente e, qualquer que seja ao que se chegue, cada coisa tem sua razão de ser."



Como compreender o ato do suicídio em face da fatalidade da morte?

(1) O Evangelho segundo o Espiritismo, p. 85.

Alguém estaria predestinado a tal tipo de desencarnação?

Não. Jamais há fatalidade para os atos conscientes da vida.

"...confundis sempre duas coisas bem distintas:" — alertam-nos os Espíritos, respondendo à questão 861 de *O Livro dos Espíritos* — "os acontecimentos materiais da vida e os atos da vida moral. Se, algumas vezes, há fatalidade, é nos acontecimentos materiais cuja causa está fora de vós, e que são independentes da vossa vontade. Quanto aos atos da vida moral, eles emanam sempre do próprio homem, que tem sempre, por conseguinte, a liberdade de escolha; para esses atos, pois, jamais há fatalidade."

Este é o mesmo pensamento de Emmanuel, externado ao responder à incisiva pergunta:

"— É fatal o instante da morte?

— Com exceção do suicídio, todos os casos de desencarnação são determinados previamente pelas forças espirituais que orientam a atividade do homem sobre a Terra.

Esclarecendo-vos quanto a essa exceção, devemos considerar que, se o homem é escravo das condições externas da sua vida no orbe, é livre no mundo íntimo, razão por que, trazendo no seu mapa de provas a tentação de desertar da vida expiatória e retificadora, contrai um débito penoso aquele que se arruína, desmantelando as próprias energias.

A educação e a iluminação do íntimo constituem o amor ao santuário de Deus em nossa alma. Quem as realiza em si, na profundidade da liberdade

interior, pode modificar o determinismo das condições materiais de sua existência, alçando-a para a luz e para o bem. Os que eliminam, contudo, as suas energias próprias, atentam contra a luz divina que palpita em si mesmos. Daí o complexo de suas dívidas dolorosas.

E existem ainda os suicídios lentos e gradativos, provocados pela ambição ou pela inércia, pelo abuso ou pela inconsideração, tão perigosos para a vida da alma, quanto os que se observam, de modo espetacular, entre as lutas do mundo.

Essa a razão pela qual tantas vezes se batem os instrutores dos encarnados, pela necessidade permanente de oração e de vigilância, a fim de que os seus amigos não fracassem nas tentações." (1)



Quando Walter se dirigiu aos familiares, não só deu um eloqüente testemunho da imortalidade, como exalçou um tema básico, fundamental em qualquer análise atenta, que se faça dos problemas, grandes ou pequenos, de nossa existência: *Deus está em nós e devemos permanecer em Deus.*

Com esta frase lapidar, concitou os seus e a todos nós a meditar, mais detidamente, nos fatos transcendentais que regem os mínimos fenômenos da vida.

Há séculos e séculos a Humanidade vem recebendo, incessantemente, esclarecimentos superiores,

(1) XAVIER, Francisco Cândido — O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. q. 146.

reveladores da Paternidade e do Amor Infinito do Criador.

Nunca é demais recordar alguns clarões da Verdade que, vencendo as barreiras do tempo, iluminam até hoje o pensamento humano: quando Jesus — o Guia Espiritual da Terra —, ao ensinar-nos a orar, assim iniciou a súplica a Deus: "*Pai Nosso, que estais nos céus...*" (Mateus, 6:9); e o apóstolo Paulo, em seu célebre discurso no Areópago de Atenas, apesar de enfrentar um ambiente de incompreensão e hostilidade, não titubeou em afirmar, referindo-se a Deus: "*Porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos.*" (Atos, 17:28).

Somente com uma compreensão maior da Providência Divina — a tudo presidindo, regendo leis sábias e justas com o objetivo de impulsionar-nos para a perfeição espiritual — é que poderemos enfrentar as duríssimas situações em que as mortes prematuras e/ou violentas nos colocam. O entendimento desta Assistência Superior gera em nós paz íntima, e, embora derramemos lágrimas sinceras à ebulição da dor inevitável da separação, não nos revoltaremos.

Assistência espiritual aos recém-desencarnados

Com a morte do corpo, o Espírito retorna ao seu mundo normal primitivo, que é chamado, dentre outras denominações, de Mundo Maior, Invisível ou Espiritual.

O término de cada existência terrena representa a liberação do passaporte para a grande viagem de regresso, quando levaremos a bagagem pessoal e intransferível das experiências próprias, adquiridas com os exercícios e lutas de cada dia. O corpo — cela transitória da alma — após cumprir o seu abençoado papel de instrumento da nossa individualidade espiritual, volve, então, ao gigantesco “laboratório da Natureza”.

Inumeráveis indumentárias físicas — doações dadivosas do Criador — já utilizamos nos processos reencarnatórios, atendendo às nossas necessi-

dades de aprimoramento da inteligência e do sentimento, evolução que se realiza nos dois mundos: material e espiritual. E de quantas existências carnavais necessitaremos ainda?

A Doutrina Espírita elucida-nos o fenômeno da morte com informações amplas e precisas que, por certo, muito nos auxiliará no momento em que “soar a nossa hora”; como também, desde agora, dilatando-nos o horizonte da compreensão de tal evento, ajuda-nos a suportar com mais resignação a separação dos entes queridos, entendimento que reflete beneficentemente nos que já nos antecederam na passagem para o Além-Túmulo.

Após o desenlace, a alma necessita de um período de adaptação, mais ou menos extenso, à “nova vida”, que palpita em campo vibratório diverso, bem mais sutil. Essa necessidade é natural e compreensível, bastando lembrarmos-nos do longo tempo que a alma dispense, em cada reencarnação, passando pelas fases: intra-uterina, infância e mocidade, até integrar-se na nova jornada, em toda a sua plenitude, na fase adulta.

O nascer “aqui” e o nascer “lá” tem muito em comum. Como a Natureza não dá saltos, a alma humana atravessa obrigatoriamente etapas necessárias de ajustamento em cada reingresso nos planos físico e espiritual.

Um estado denominado “perturbação” é a primeira etapa da alma no Mundo Invisível, cuja duração é muito variável; depende do seu grau evolutivo e do gênero de morte; e pode ser rápida, de horas, ou prolongar-se por meses ou anos.

"No momento da morte tudo, a princípio, é confuso. A alma necessita de algum tempo para se reconhecer. Ela se acha como aturdida e no estado de um homem que despertando de um sono profundo procura orientar-se sobre sua situação. A lucidez das idéias e a memória do passado lhe voltam à medida que se apaga a influência da matéria da qual se libertou, e se dissipe a espécie de neblina que obscurece seus pensamentos.

... A perturbação que se segue à morte nada tem de penosa para o homem de bem; é calma e em tudo semelhante à que acompanha um despertar tranqüilo. Para os que não têm a consciência pura, ela é cheia de ansiedade e de angústia, que aumentam à medida que ele se reconhece." (1)

Pela narrativa de Walter, depreende-se que o seu período de "perturbação" foi curto e sem maiores tribulações:

— O meu avô Perrone me recolheu no Pronto Socorro. Dormi com serenidade e só depois de acordar vim a saber que ele me amparava com carinho e bondade que hoje posso avaliar com noção mais ampla de gratidão e entendimento. A ele se unia a irmã e benfeitora Mariazinha, que me disse tomar de algum modo, o seu lugar junto a mim, até que eu possa ser mais útil e assim, querida mamãe, não há motivo para desespero e aflição.

Se um nascimento na Terra, habitualmente, é aguardado num clima de expectativa feliz, e o nenê é recebido festivamente, não haveria a mesma

(1) KARDEC, Allan — O Livro dos Espíritos. q. 165.

recepção no Além, pelos nossos seres amados lá domiciliados, quando desencarnamos?

"Sim, eles vêm ao encontro da alma que estimam; felicitam-na como ao retorno de uma viagem, se ela escapou aos perigos do caminho, e a ajudam a livrar dos laços corporais. É um privilégio para os bons Espíritos quando aqueles que estimam vêm ao seu encontro ao passo que aquele que está manchado fica no isolamento, ou a rodeá-lo tem apenas os que lhe são semelhantes: é uma punição." (1)

Foi exatamente o que se verificou com o Autor Espiritual, segundo o seu depoimento epistolar. Na grande transição, o seu primeiro sono, de refazimento, transcorreu calmamente com assistência permanente de Entidades afetuosas.

Qual foi o preço desse prêmio?

Só uma consciência tranqüila, em harmonia com as leis do Criador, pode favorecer tal privilégio. Uma consciência maculada, isto é, atormentada por paixões, revoltas ou complexos de culpa, dificulta, ou muitas vezes, repele qualquer assistência. Nessa situação, a criatura nunca é esquecida pela Providência, sendo apenas o seu estado íntimo o responsável pelo isolamento temporário em que se coloca face aos seres queridos, que a precederam no Mundo Maior, muitos deles dispostos, quase sempre, a uma aproximação imediata. "...ou a rodeá-lo tem apenas os que lhe são semelhantes: é uma punição", considerando os casos de assédio de Entidades infelizes e perturbadoras, pois a lei de afinida-

(1) KARDEC, Allan — Op. cit., q. 289.

de impera em todos os domínios do Universo: o bem atrai o bem, o mal sintoniza com o mal. Esta lei não só rege os relacionamentos entre os homens, como também cria e mantém um vastíssimo intercâmbio entre encarnados e desencarnados através de ondas mentais, com profundos reflexos para a alma, já nos primeiros momentos após o desenlace.

Walter sintetiza toda essa problemática, afirmando:

— *Procuremos viver e conformar-nos, sobretudo fazendo o bem que pudermos, porque onde estou, o que se conta é o que se fez.*

Ouçamos também o oportuno esclarecimento de Emmanuel sobre tão palpitante tema, ao responder à pergunta:

“— Logo após a morte, o homem que se desprende do invólucro material pode sentir a companhia dos entes amados que o precederam no além-túmulo?

— Se a sua existência terrestre foi o apostolado do trabalho e do amor a Deus, a transição do plano terrestre para a esfera espiritual será sempre suave.

Nessas condições, poderá encontrar imediatamente aqueles que foram objeto de sua afeição no mundo, na hipótese de se encontrarem no mesmo nível de evolução. Uma felicidade doce e uma alegria perene estabelecem-se nesses corações amigos e afetuosos, depois das amarguras da separação e da prolongada ausência.

Entretanto, aqueles que se desprendem da Terra, saturados de obsessões pelas posses efêmeras do

mundo e tocados pela sombra das revoltas incompreensíveis, não encontram tão depressa os entes queridos que os antecederam na sepultura. Suas percepções restritas à atmosfera escura dos seus pensamentos e seus valores negativos impossibilitam-lhes as doces venturas do reencontro.

É por isso que observais, tantas vezes, Espíritos sofrendores e perturbados fornecendo a impressão de criaturas desamparadas e esquecidas pela esfera da bondade superior, mas, que, de fato, são desamparados por si mesmos, pela sua perseverança no mal, na intenção criminosa e na desobediência aos sagrados desígnios de Deus.” (1)



Na literatura espírita, encontramos outras elucidações, igualmente valiosas, a respeito da assistência de Benfeitores da Vida Maior a todos que passam pela grande transição, acompanhando as criaturas em todas as fases do processo desencarnatório, ora preparando-as aos poucos, no curso de enfermidades longas, ora socorrendo-as nos casos de progressão mais ou menos rápida.

Nesses momentos importantes de cada um de nós, é freqüente a aproximação de Espíritos familiares afetuosos, que mesmo habitando o Mundo Invisível, nunca nos esqueceram, acompanhando os nossos passos aqui na Terra com atenção e carinho. Quando dispõem de recursos, não aguardam, em atitude expectante, o feliz reencontro, mas, estendem

(1) XAVIER, Francisco Cândido — O Consolador. Pelo Espírito Emmanuel. q. 149.

os braços operosos, participando das equipes de Entidades, que, sob diretrizes de Planos Espirituais Superiores, encarregam-se de assistir aos recém-libertos do casulo carnal. Foi o caso do amparo carinhoso dispensado ao Walter, no Pronto Socorro, pelo seu avô Perrone.

O trabalho dos Bons Espíritos na Crosta Planetária é gigantesco, desdobrando-se em funções as mais variadas, não só junto à Humanidade, mas a todos os reinos da Natureza.

Em todas as épocas, essas Entidades foram detectadas pelos homens através do dom mediúnico — de que todos são portadores em maior ou menor grau — recebendo várias denominações, tais como: guias espirituais, gênios protetores, anjos da guarda, espíritos do bem. Porém, só em 1857, com o advento de *O Livro dos Espíritos*, obra fundamental da Terceira Revelação, os fenômenos tidos como sobrenaturais — dentre eles a comunicação dos chamados mortos — foram devidamente explicados, pois o sobrenatural nada mais é do que o natural não esclarecido ou ignorado. Um dos seus capítulos, intitulado “Intervenção dos Espíritos no mundo corporal”, analisa em profundidade tal influência, incluindo a dos desencarnados de todos os padrões evolutivos.

Nas últimas décadas, novas informações, mais pormenorizadas, da atuação dos Emissários do Senhor sobre a co'etividade terrena — participando ativamente de seus sofrimentos e alegrias, empreendimentos e problemas, enfim de seu progresso moral e intelectual — chegaram até nós, corporificando livros e mais livros, enriquecendo sobremaneira a literatura espírita. Dentre as obras que relatam a

vida no Plano Invisível e descrevem com riqueza de detalhes a influência de seus habitantes sobre nós, destacamos as do Espírito de André Luiz, recebidas pelo médium Francisco Cândido Xavier (algumas em parceria com o médium Waldo Vieira), constituindo uma autêntica série enciclopédica.

André Luiz, com uma linguagem fluente e acessível, utilizando largamente a forma dialogada, transmite-nos “ao vivo” as suas observações e entrevistas nas Esferas Espirituais mais altas e junto à Crosta Terrestre.

Os trabalhos assistenciais aos encarnados mereceram-lhe meticolosos e instrutivos apontamentos. Quando realizava estudos em companhia do sábio Instrutor Alexandre, teve a oportunidade de presenciar uma intervenção socorrista do grupo de entidades comandadas pelo Irmão Francisco. Após o trabalho, André Luiz entrevistou o abnegado dirigente, obtendo as seguintes informações:

— Nossa pequena expedição — esclareceu o chefe do agrupamento, depois de trocar comigo palavras muito cordiais — é uma das inumeráveis turmas de socorro que colaboram nos círculos da Crosta. Somos milhares de servidores, nessas condições, ligados a diversas regiões espirituais mais elevadas.

— Seu núcleo — perguntei — procede de nossa colônia?

— Sim. E temos nossas atividades entrelaçadas com as tarefas de vários instrutores de Nosso Lar. (1)

(1) Colônia de que trata o primeiro livro de André Luiz, com esse mesmo nome — *Nosso Lar* — obra publicada pela mesma Editora. (Nota da FEB).

— E há tarefas especializadas para cada grupo dessa natureza?

— Perfeitamente. O nosso, por exemplo — acentuou Francisco, gentil —, destina-se ao reconforto de doentes graves e agonizantes. De modo geral, as condições de luta para os enfermos são mais difíceis à noite. Os raios solares, nas horas diurnas, destroem grande parte das criações mentais inferiores dos doentes em estado melindroso, não acontecendo o mesmo à noite, quando o magnetismo lunar favorece as criações de qualquer espécie, boas ou más. Em vista disso, o nosso esforço há-de ser vigilante. Quase ninguém no círculo de nossos irmãos encarnados, conhece a extensão de nossas tarefas de socorro. Permanecem eles num campo de vibrações muito diferentes das nossas e não podem apreender ou discriminar nosso auxílio. Isto, porém, não importa. Outros benfeitores, muito mais elevados que aqueles dos quais podemos guardar conhecimento direto, velam por nós e inspiram-nos, devotadamente, no campo das obrigações comuns, sem que vejamos a sua forma de expressão nos trabalhos referentes aos divinos designios.

E talvez porque eu sorrisse, admirando-lhe o ideal de renúncia serena e santificante, o interlocutor também sorriu e acrescentou:

— Sim, meu amigo, reclamar compreensão e resultado de criaturas e situações, ainda incapacitadas para no-las dar, constitui exigência mais cruel que a solicitação de recompensas imediatas.

Era bem a verdade convincente. Mantinha-se o Irmão Francisco dentro da lógica mais elevada. Os que auxiliam alguém, interessados no reconhecimento

to ou na compensação, quase sempre permanecem de olhos cerrados para o concurso divino e invisível que de Mais Alto recebem. Exigem que outros lhes identifiquem a posição de benfeitores, mas nunca se recordam de que amigos sábios e desvelados lhes oferecem a melhor cooperação de planos superiores, sem deles reclamarem a mínima nota de gratidão pessoal.

— São muitos os irmãos afins — continuou o meu interlocutor, interrompendo-me as reflexões íntimas — que se reúnem, depois da morte do corpo, em tarefas de amparo fraternal, quando já alcançaram os primeiros degraus da escada de purificação. Do que é possível ajuizar, semelhantes trabalhos são dos mais eficientes e dignos, em favor dos homens. Raramente os companheiros encarnados, quando em excelentes condições de saúde física, podem compreender as aflições dos enfermos em posição desesperadora ou dos moribundos prestes a partir. Nós outros, porém, no quadro de realidades mais fortes, sabemos que, muitas vezes, é possível efetuar, realizações deveras sublimes, de natureza espiritual, em poucos dias, nessas circunstâncias, depois de largos anos de atividades inúteis. No leito da morte, as criaturas são mais humanas e mais dóceis. Dir-se-ia que a moléstia intransigente enfraquece os instintos mais baixos, atenua as labaredas mais vivas das paixões inferiores, desanimaliza a alma, abrindo-lhe, em torno, interstícios abençoados por onde penetra infinita luz. E a dor vai derrubando as pesadas muralhas da indiferença, do egoísmo cristalizado e do amor-próprio excessivo. Então, é possível o grande entendimento. Lições admiráveis felicitam a criatura que, palidamente embora, percebe a grandeza da herança divina. Acentua-se-lhe o heroísmo e gra-

vam-se-lhe no coração, para sempre, mensagens vivas de amor e sabedoria. Na noite espessa da agonia começa a brilhar a aurora da vida eterna. E aos seus clarões indistintos, nossos princípios são facilmente aceitos, a sensibilidade demonstra características sublimes, e a luz imortal lança fontes de infinito poder nos recessos do espírito.

O interlocutor fez longa pausa e rematou:

— Desse modo, conseguimos efetuar um serviço de assistência eficaz, carreando novos valores no campo da fraternidade e do bem legítimo. Nunca observou a paciência inesperada de doentes graves, a calma de certos enfermos incuráveis e a suprema conformação da maioria dos moribundos? Muitas vezes, semelhantes edificações, incompreensíveis para os encarnados que os cercam, constituem o fruto do esforço de nossos grupos itinerantes de socorro.

Francisco enunciara sublimes verdades. De fato, a serenidade dos enfermos em condição desesperadora e a resignação inexplicável dos agonizantes, absolutamente distanciados da fé religiosa, não poderiam guardar outra origem. A bondade divina é infinita e, em todos os lugares, há sempre generosas manifestações da Providência Paternal de Deus, confortando os tristes, acalmando os desesperados, socorrendo os ignorantes e abençoando os infelizes." (1)

Algum tempo depois, André Luiz, mais experiente, participou de uma equipe socorrista, sob a direção do Assistente Jerônimo, com a missão de prepa-

(1) XAVIER, Francisco Cândido — *Missionários da Luz. Pelo Espírito André Luiz*. 9. ed., Rio de Janeiro. FEB [1973] p. 76-79.

rar cinco criaturas fiéis ao bem que viviam os seus últimos dias na condição de encarnados.

A tarefa se desdobraria em várias atividades de auxílio. Contariam com o apoio da "Casa Transitória de Fabiano", grande instituição localizada no Plano Espiritual, nas cercanias da Crosta Terrestre, que se dedica, entre outras finalidades, a abrigar almas recém-desencarnadas. A essa organização, a equipe conduziria os assistidos, nos momentos de sono físico, para se habituarem, aos poucos, com a idéia de desligamento definitivo do corpo material.

Ao observar, logo de início, os cuidados da missão, André Luiz interrogou:

— Meu caro Assistente, todas as mortes se fazem acompanhar de missões auxiliadoras? cada criatura que parte da Crosta precisa de núcleos de amparo direto?

O amigo sorriu com indulgência, na superioridade legítima dos que ensinam sabiamente, e esclareceu:

— Absolutamente. Reencarnações e desencarnações, de modo geral, obedecem simplesmente à lei. Há princípios biogenéticos orientando o mundo das formas vivas ao ensejo do renascimento físico, e princípios transformadores que presidem aos fenômenos da morte, em obediência aos ciclos da energia vital, em todos os setores de manifestação. Nos múltiplos círculos evolutivos, há trabalhadores para a generalidade, segundo sábios desígnios do Eterno; entretanto, assim como existem cooperadores que se esforçam mais intensamente nas edificações do progresso humano, há missões de ordem particular para atender-lhe as necessidades.

Sentindo-me a estranheza, Jerônimo prosseguiu:

— Não se trata de prerrogativa injustificável, nem de compensações de favor. O fato revela ordenação de serviços e aproveitamento de valores. Se determinado colaborador demonstra qualidades valiosas no curso da obra, merecerá, sem dúvida, a consideração daqueles que a superintendem, examinando-se a extensão do trabalho futuro. No plano espiritual, portanto, muito grande é o carinho que se ministra ao servidor fiel, de modo a preservá-lo o devotado Espírito da ação maléfica dos elementos destruidores, com o desânimo e a carência de recursos estimulantes, permitindo-se, simultaneamente, que ele possa ir analisando a magnitude de nosso ministério na verdade e no bem, em face do Universo Infinito." (1)

Mais tarde, após vencida mais uma etapa do empreendimento fraterno junto aos assistidos, o Instrutor Jerônimo teve ensejo de ampliar as suas elucidações quanto ao amparo espiritual aos desencarnantes, afirmando:

"— Há, contudo, observação valiosa a destacar. Como vemos, não é a rotulagem externa que socorre o crente nas supremas horas evolutivas. É justamente a sementeira do esforço próprio, nos serviços da sabedoria e do amor, que frutifica, no instante oportuno, através de providências intercessórias ou de compensações espontâneas da lei que manda entregar as respostas do Céu "a cada um por suas obras." Todo lugar do Universo, portanto, pode ser convertido em santuário de luz eterna, desde que

(1) XAVIER, Francisco Cândido — *Obreiros da Vida Eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 9. ed., Rio de Janeiro, FEB [1975] p. 172-173.

a execução dos Divinos Desígnios seja a alegria de nossa própria vontade." (1)



— Não chore mais, querida mãezinha, suas lágrimas chegam a mim e me transtornam.quando a vejo reconstituindo mentalmente aqueles quadros todosQuerido papai, o senhor me sente sim, a presença, quando está pensando em casa ou em nosso trabalho da Rua Vilela. Estou ainda muito ligado a todos.

Estas expressões de Walter, escritas seis meses após o seu desenlace, mostram-nos que depois da morte física, superando a fase inicial de "perturbação", a criatura apenas paulatinamente se adapta à sua nova condição, ao seu novo *habitat*, liberada da matéria grosseira, mas imantada mentalmente ao mundo que deixou.

Não deixa de ser uma experiência pessoal, mas é o que ocorre, em maior ou menor grau, à grande maioria das criaturas.

Mesmo detendo condições e merecimento para instalar-se em esferas espirituais mais altas, o Espírito, impregnado das vivências terrenas, mantém-se em contacto com tudo o que mais o preocupava, principalmente com os seus entes queridos através das correntes mentais.

Isto ocorre, em virtude de os seres, presos ou libertos da vestimenta física, viverem em regime de comunhão mental, com base nas leis da afinidade.

(1) Op. cit., p. 197.

O pensamento é produto da mente, que é imortal, não sendo, portanto, segregação do cérebro perecível. O nosso mundo mental pode ser comparado a um espelho, pelo qual refletimos as imagens, que nos chegam, e lançamos na direção dos outros as imagens que criamos.

Ao confirmar as sensações de seu progenitor, Walter deixou claro que não só estava, à distância, ligado mentalmente a todos os familiares, mas também, se aproximava com o seu corpo espiritual. É interessante recordar que o médium desconhecia tais fatos íntimos, e o pai de Walter não estava presente à reunião pública de Uberaba, quando a mensagem foi psicografada. Esta é uma das muitas positivamente cristalinas da continuidade da vida além-túmulo com as quais deparamos na carta mediúnica.

Apesar do amparo dos Benfeitores Espirituais aos recém-desencarnados — não só nas primeiras horas ou dias após a morte, mas também, em muitos casos, durante meses ou anos depois — a compreensão dos que permanecem no plano terreno é muitíssimo valiosa, refletindo beneficentemente no estado mental dos entes amados. O Autor Espiritual chega a exclamar, após assegurar que estava muito ligado aos seus: — *Ajudem-me*. É um ensinamento muito sério endereçado à Humanidade, pois todos estamos sujeitos a esses transes naturais da vida.

A assistência que Walter vinha recebendo, embora narrada resumidamente, era bem significativa. Contava com a proteção da benfeitora Mariazinha, *que me disse tomar de algum modo, o seu lugar junto a mim, até que eu possa ser mais útil*. O avô Perrone continuava também assistindo-o:

— *Papai, abençoe-me e creia que seu filho, ao lado de meu avô, pede a Jesus o recompense.*

Sabemos que ninguém está desamparado pela Paternidade Divina em qualquer ponto do Universo. Mas, os recursos dispensados às pessoas nunca fogem ao preceito “a cada um segundo o seu merecimento.”

Uma criatura, que do Outro Lado da Vida, embora convalescente, está sempre pronta a auxiliar e reflete o que se passa em seu íntimo, ao empregar os verbos, tais como: lutar, esperar, estudar, trabalhar, amar, orar, sorrir e viver, só pode atrair almas afins, facilitando, sobremaneira, a doação de qualquer auxílio que lhe esteja destinado pela Celeste Misericórdia.



Poucos dias antes de completar 1 ano do recebimento da 1ª mensagem, Walter voltou a comunicar-se através do médium Francisco Cândido Xavier, com a sua mãe D. Maria D. Perrone, presente à reunião pública do “Grupo Espírita da Prece”, em Uberaba (MG), no dia 9 de agosto de 1975.

Para D. Maria foi um longo ano de expectativa, aguardando sempre novas missivas de seu inesquecível filho. Nesse período, esteve na referida cidade mineira várias vezes, freqüentando as reuniões espíritas. Contudo, nessas sessões, teve a felicidade de receber pela mediunidade de Chico Xavier duas mensagens de conforto e esclarecimento do Espírito do Dr. Bezerra de Menezes. A primeira, em maio de 1975, que se segue:

"Nosso caro companheiro Walter Perrone abraça o coração materno e declara-se contente com as soluções havidas em família.

Agradece à mãezinha o esforço que fez com tanta boa-vontade para liberar-se dos tranqüilizantes desnecessários e roga a ela, nossa estimada companheira Maria Perrone, calma e confiança positiva na proteção de Jesus.

Ele se afirma sempre melhor e está confiante no futuro, agradecendo aos pais queridos quanto vão fazendo em favor da família que deixou na Terra."

E, a segunda mensagem, na véspera do recebimento da Segunda Carta do Autor Espiritual:

"Filha, nosso caro Walter está cooperando em seu favor e falará na primeira oportunidade, explicando que o seu tratamento pode ser feito no próprio lar.

Confiemos no amparo de Jesus, hoje e sempre."



Vejamos, no próximo capítulo, a 2ª comunicação psicográfica de seu filho.

8.

Segunda Carta

Velhinha santa, mãe querida.

Deus nos proteja.

Aqui estou, com aquele desejo de me comunicar com alegria. Sem as sombras dos dias primeiros, quando os Desígnios do Senhor me abriram novos caminhos. Farei esforço, o esforço de fazê-la sorrir.

Não se deixe assim, querida mãezinha, mergulhada na chuva de pranto. Isso passou, agora é o sol de calor bendito que nos restaura as forças. Luz viva, lâmpada de bênçãos. Essa lâmpada é a fé que nos reanima.

Não admita que seu filho esteja como naqueles dias primeiros de Vida Espiritual. Já se caminhou um tanto mais. Já compreendi que a luta é a estrada por trilhar. Luta por vida melhor a começar

por nós mesmos. Entendo tudo o que tem ocorrido. Espero que os assuntos se harmonizem.

....Papai e você, minha querida velhinha, estão certos, procurando ajustar soluções.

Waltinho é uma riqueza de Deus em nossas mãos, no entanto, deve crescer com a nossa querida Su e preparar-se para o futuro. Estamos alertas, fazendo o possível para que a familinha siga conosco em paz e segurança para a frente.

Com amor e paciência, não há problema insólvel. Com Jesus em nossa vida, a vida não pode entrar em sombra. É preciso não esquecer o entendimento. Lembro-me dos professores, quando nos diziam da necessidade do diálogo.As dificuldades passaram e se surgirem de novo nesse ou naquele setor da vida, passarão também, porque Jesus não nos abandona.

Sobre a sua saúde, mãezinha, agradeço o conselho do nosso caro amigo, Dr. Edgard, pois, na verdade, com a assistência dele, as suas forças serão restauradas. Calma e fé. Não é necessário hospitalizar-se. Façamos a nossa meia-hora de paz, de absoluta serenidade, com a prece, diariamente.

Mãezinha, saudade é uma companheira nos dois lados da vida. Os que ficam aí choram pelos que voltam e os que voltam para cá se lamentam da falta de quantos aí ficam, esperando o tempo. E o tempo é um mestre invisível trabalhando aqui e aí — uma espécie de conselheiro que nunca nos deixa de apoiar com as sugestões precisas à obtenção da felicidade.

Não se aflija, minha velhinha querida, e sigamos em paz, pelos dias afora.

Estou trabalhando também e confesso que estou melhorando... Melhorando para ajudar. E espero que Deus me conceda a felicidade de cooperar em sua paz, em sua saúde.

Querida mãezinha, ao papai e aos irmãos, envio um abraço, o abraço em que a saudade e o amor têm partes iguais.

Nosso irmão Gerson está conosco e beija as mãos da mãezinha aqui presente. Comunica que tem pedido aos Mensageiros de Jesus por ela e pela Sandra.

É isso aí, querida mãezinha. Voltamos e ficamos, porque vocês, as mães, ficam, ou melhor, quando os nossos pais ainda permanecem no mundo. Choremos trabalhando, coloquemos a saudade em serviço do bem aos outros e andaremos certos. Procuremos esquecer-nos, em benefício do próximo e Deus se lembrará de nós para realizar por nós aquilo de que mais necessitamos.

Querida mãezinha, receba, com meu pai e todos os nossos, todo o coração de seu filho, sempre com o seu carinho na lembrança e no coração.

Walter.

9.

Valorizando a prece

Após 12 meses, o Autor Espiritual volta a conversar com a sua progenitora por intermédio de abençoado "correio mediúnico".

Mostra-se, agora, mais forte, não mais convalescente do transe brusco pelo qual passou em sua transferência para a Vida Eterna. O tempo para ele não transcorreu em vão, sendo aproveitado devidamente, pois compreendeu que *a luta é a estrada por trilhar. Luta por vida melhor a começar por nós mesmos.*

E, acentua, ainda: *Estou trabalhando também e confesso que estou melhorando... Melhorando para ajudar.*

Entendemos suas palavras, pois sabemos que é impossível caminhar com segurança na ascensão es-

piritual, a que todos estamos destinados, sem as riquezas hauridas no labor e no estudo, na ausência da prática das boas obras e olvidando o aprimoramento de nossas imperfeições.

Íntimo melhor, mais harmônico, sem luta com os Desígnios do Alto, produzirá em qualquer tempo e em quaisquer circunstâncias, vida abundante de trabalho nobre, paz e alegria.

Walter soube progredir sem distanciar-se dos seus entes queridos. Comprova isso no texto psicografado. Nota-se que a sua maior preocupação é com o estado de saúde de sua mãezinha, ainda convalescente.

Apoiado na orientação segura do abnegado Espírito do Dr. Bezerra de Menezes (1), reforça o pa-

(1) Médico, político, jornalista, conferencista, escritor, grande vulto do Espiritismo, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, nasceu na vila Riacho do Sangue, município de Jaguaratama, Ceará, aos 29 de agosto de 1831. Como médico, exerceu várias funções importantes, tais como, redator dos "Anais Brasilienses de Medicina", da Academia Imperial de Medicina, e membro honorário da Seção Cirúrgica da Academia Nacional de Medicina. Fez de sua profissão um verdadeiro apostolado, abrindo constantemente seu coração à fraternidade real, recebendo do povo o honroso cognome de "Médico dos Pobres". Político atuante no Rio de Janeiro, foi vereador, chegando a presidir a Câmara Municipal da Corte; deputado em várias legislaturas com profícua atividade, considerado como "estrela de primeira grandeza entre os homens públicos contemporâneos". A sua participação no movimento espírita foi tão notável, como moderador, unificador e divulgador, que até hoje é chamado de "Kardec Brasileiro". Deixou várias e importantes obras doutrinárias. Presidiu a Federação Espírita Brasileira de 1895 até o final de sua vida missionária. Desencarnou no Rio de Janeiro, em 11 de abril de 1900.

recer do médico amigo encarnado, Dr. Edgard, desaconselhando a pretendida hospitalização. No caso, como vemos, a assistência médica seria indispensável, coadjuvada com a *meia-hora de paz, de absoluta serenidade, com a prece, diariamente*. Não temos aqui simples recomendação de um *relax*, método de tratamento tão em moda nos tempos atuais. Observemos que o repouso físico e mental precisaria estar acompanhado com a prece. É o ponto chave, porque, com a oração, realizamos a ligação da nossa mente com as forças superiores do Bem. Compreendemos ainda que a receita mediúnica pressupunha um compromisso de amparo espiritual. A meia-hora diária representava a consulta marcada com os médicos espirituais. Quantos auxílios esses benfeitores prestam, sem alarde e com amor, todos os dias, à Humanidade sofredora!



Não só nesta mensagem, mas também na primeira, Walter fez várias referências ao *Valor da Prece*, que vale a pena transcrevê-las:

— *Agora entendo melhor a minha velhinha rezando sempre como se fosse Nossa Senhora na Terra, porque estou aprendendo a rezar também.Agradeço as orações de minha madrinha, tia Isaura. Façamos juntos as nossas preces.*

No Mundo Espiritual, o ser tem oportunidade de vislumbrar com maior clareza e profundidade a importância da oração, como se depreende de suas afirmativas.

O Espiritismo, doutrina fundamentada na revelação dos Espíritos, lança intensa luz sobre essa questão, mostrando-nos, com argumentação sólida, a ação; eficácia e necessidade da prece.

Ao estudar tão importante tema, Kardec rememorou várias passagens evangélicas (Mateus, VI, 5 a 8; Marcos, XI, 25 e 26; Lucas, XVIII, 9 a 14), observando que “as qualidades da prece estão claramente definidas por Jesus.” (1) Dentre os seus comentários, todos valiosos, destacaremos o seguinte tópico:

“A prece é uma evocação; por ela um ser se coloca em comunicação mental com o outro ser ao qual se dirige. Ela pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. Pode-se orar por si mesmo ou por outro, pelos vivos ou pelos mortos. As preces dirigidas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução das suas vontades; aquelas que são dirigidas aos bons Espíritos são levadas a Deus. Quando se ora a outros seres, senão a Deus, é apenas na qualidade de intermediários, intercessores, porque nada se pode fazer sem a vontade de Deus.” (2)

Portanto, o poder da oração está no sentimento, na fé e no merecimento de cada um, e não na fórmula verbal ou na postura, como também é independente do momento ou do lugar em que seja feita.

No ato da prece, com as energias do sentimento, acionadas pela vontade, emitimos ao Alto as

(1) KARDEC, Allan — O Evangelho segundo o Espiritismo. cap. XXVII, item 4.

(2) Id. *ibid.*, cap. XXVII, item 9.

imagens dos nossos desejos através da força viva do pensamento. Conseqüentemente, a hora e o local só podem influenciar no sentido de facilitarem o nosso recolhimento, propiciando-nos boa concentração mental.

Afirma-nos Emmanuel: "Orar é identificar-se com a maior fonte de poder de todo o Universo, absorvendo-lhe as reservas e retratando as leis da renovação permanente que governam os fundamentos da vida.

....A vontade que ora, tange o coração que sente, produzindo reflexos iluminativos através dos quais o espírito recolhe em silêncio, sob a forma de inspiração e socorro íntimo, o influxo dos Mensageiros Divinos que lhe presidem o território evolutivo, a lhe renovarem a emoção e a idéia, com que se lhe aperfeiçoa a existência.

Dispomos na oração do mais alto sistema de intercâmbio entre a Terra e o Céu.

Pelo divino circuito da prece, a criatura pede o amparo do Criador e o Criador responde à criatura pelo princípio inelutável da reflexão espiritual, estendendo-lhe os Braços Eternos, a fim de que ela se erga dos vales da vida fragmentária para os cimos da Vida Vitoriosa." (1)

Outros ensinamentos interessantíssimos em torno da prece encontramos nas obras do Espírito de André Luiz, no desenrolar de suas experiências vividas no Além. Dentre essas numerosas lições en-

(1) XAVIER, Francisco Cândido — *Pensamento e Vida*. Pelo Espírito Emmanuel. 4. ed., Rio de Janeiro, FEB [1975] cap. 26.

focaremos algumas, que reunimos sob os seguintes títulos:

1. Os benefícios da prece coletiva
2. O poder da oração individual
3. Seleção criteriosa de preces
4. Toda prece é ação que provoca uma reação
5. Respostas de vultos veneráveis da Humanidade às súplicas de seus devotos

1. OS BENEFÍCIOS DA PRECE COLETIVA

Conta-nos André Luiz que, depois de sua última desencarnação, peregrinou em sofrimento, por muitos anos, em esferas espirituais inferiores.

Finalmente, em certo dia, foi assistido carinhosamente pelo emissário Clarêncio que o conduziu à colônia "Nosso Lar". Nessa cidade espiritual, logo após acomodar-se num leito de enfermaria, serviram-lhe um caldo reconfortante, seguido de água muito fresca, que lhe proporcionaram novas energias. Mas, com a chegada do crepúsculo, grande surpresa estava reservada para ele. Conduzido a enorme salão deparou-se com numerosa assembléia, que meditava em silêncio, aguardando o momento de acompanhar a oração do Governador da cidade.

Após alguns instantes, não só eles, mas também todas as residências e instituições de "Nosso Lar" oravam com o Governador, através da visão e audição à distância, obedecendo a processos adiantados de televisão. Numa gigantesca tela erguida ao fundo do salão, surgiu o cenário do templo, onde, "sentado em lugar de destaque, um ancião coroadado

de luz fixava o Alto, em atitude de prece, envergando alva túnica de irradiações resplandecentes.”

(1) Depois da oração o recinto estava inundado de misteriosas vibrações de paz e alegria. Cariciosa música procedente de esferas distantes respondia aos louvores.

Em seguida, diz André Luiz, “abundante chuva de flores azuis se derramou sobre nós; mas, se fixávamos os miosótis celestiais, não conseguíamos detê-los nas mãos. As corolas minúsculas desfaziam-se de leve, ao tocá-los a fronte, experimentando eu, por minha vez, singular renovação de energias ao contacto das pétalas fluídicas que me balsamizavam o coração.

Terminada a sublime oração, regressei ao aposento de enfermo, amparado pelo amigo que me atendia de perto. Entretanto, não era mais o doente grave de horas antes. A primeira prece coletiva, em “Nosso Lar”, operava em mim completa transformação. Conforto inesperado envolvia-me a alma. Pela primeira vez, depois de anos consecutivos de sofrimento, o pobre coração, saudoso e atormentado, à maneira de cálice muito tempo vazio, enchera-se de novo de gotas generosas do licor da esperança.” (2)

2. O PODER DA ORAÇÃO INDIVIDUAL

Após alguns dias de permanência na acolhedora cidade, André Luiz perguntou ao dedicado enfermei-

(1) XAVIER, Francisco Cândido — *Nosso Lar*. Pelo Espírito André Luiz. 17. ed., Rio de Janeiro, FEB [1976] cap. 3, p. 29.

(2) *Id. ibid.*, cap. 3, p. 30.

ro Lísias porque nunca recebeu no Além a visita dos familiares e amigos que faleceram antes dele.

Contou-lhe da abnegação e carinho de seus pais terrenos. E, principalmente eles, que o antecederam por alguns anos na morte da máquina física, não haviam dado, até então, o menor sinal de vida.

Lísias respondeu-lhe com as seguintes palavras esclarecedoras:

“— Pois note, sua mãe o tem ajudado dia e noite, desde a crise que antecipou sua vinda. Quando se acamou para abandonar o casulo terrestre, duplicou-se o interesse maternal a seu respeito. Talvez não saiba ainda que sua permanência nas esferas inferiores durou mais de oito anos consecutivos. Ela jamais desanimou. Intercedeu, muitas vezes, em “Nosso Lar”, a seu favor. Rogou os bons ofícios de Clarêncio, que começou a visitá-lo freqüentemente, até que o médico da Terra, vaidoso, se afastasse um tanto, a fim de surgir o filho dos Céus. Compreendeu?” (1)

Estas elucidações produziram em André imensa emoção, umedecendo-lhe os olhos.

E o enfermeiro amigo prosseguiu:

“— No dia em que você orou com tanta alma, quando compreendeu que tudo no Universo pertence ao Pai Sublime, seu pranto era diferente. Não sabe que há chuvas que destroem e chuvas que criam? Lágrimas há também, assim. É lógico que o Senhor não espere por nossas rogativas para nos amar; no entanto, é indispensável nos colocarmos em deter-

(1) *Op. cit.*, cap. 7, p. 47.

minada posição receptiva, a fim de compreender-lhe a infinita bondade. Um espelho enfuscado não reflete a luz. Desse modo, o Pai não precisa de nossas penitências, mas convenhamos que as penitências prestam ótimos serviços a nós mesmos. Entendeu? C'arêncio não teve dificuldade em localizá-lo, atendendo aos apelos de sua carinhosa genitora da Terra; você, porém, demorou muito a encontrar Clarêncio. E quando sua mãezinha soube que o filho havia rasgado os véus escuros com o auxílio da oração, chorou de alegria, segundo me contaram..." (1)

3. SELEÇÃO CRITERIOSA DE PRECES

Depois de submeter-se a tratamento intensivo por algumas semanas, André Luiz saiu em visita à cidade, pela primeira vez, em companhia de Lísias.

Surpreendeu-se com a operosidade de seus habitantes, desenvolvida em clima espiritual de grande tranquilidade. Nos primeiros locais visitados daquela ordeira colmeia de almas, visualizou largas avenidas, imponentes árvores, casas residenciais e imensos edifícios.

O atencioso amigo e cicerone foi-lhe esclarecendo as interrogações, que brotavam ininterruptas, decorrentes de natural assombro:

"— A colônia, que é essencialmente de trabalho e realização, divide-se em seis Ministérios, orientados, cada qual, por doze Ministros. Temos os Ministérios da Regeneração, do Auxílio, da Comunicação, do Esclarecimento, da Elevação e da União Divina. Os quatro primeiros nos aproximam das esferas ter-

(1) Op. cit., cap. 7, p. 47-48.

restres, os dois últimos nos ligam ao plano superior, visto que a nossa cidade espiritual é zona de transição. Os serviços mais grosseiros localizam-se no Ministério da Regeneração, os mais sublimes no da União Divina. Clarêncio, o nosso chefe amigo, é um dos Ministros do Auxílio." (1)

E detendo-se em pormenores com respeito ao Ministério de Auxílio, o primeiro a ser visitado, Lísias elucidou:

"— Estamos no local do Ministério do Auxílio. Tudo o que vemos, edifícios, casas residenciais, representa instituições e abrigos adequados à tarefa de nossa jurisdição. Orientadores, operários e outros serviços da missão, residem aqui. Nesta zona, atende-se a doentes, ouvem-se rogativas, *selecionam-se preces*, preparam-se reencarnações terrenas, organizam-se turmas de socorro aos habitantes do Umbral, ou aos que choram na Terra, estudam-se soluções para todos os processos que se prendem ao sofrimento." (2) (o grifo é nosso).

4. TODA PRECE É AÇÃO QUE PROVOCA UMA REAÇÃO

Como se processam os mecanismos de auxílio às criaturas necessitadas, suplicantes aos Céus? O Criador pode atender aos seus filhos através de seres intermediários, executores de Sua Vontade? Toda rogativa tem um valor específico?

André Luiz, posteriormente, teve o ensejo de ouvir e anotar elucidações profundas e valiosas, do

(1) Op. cit., cap. 8, p. 51.

(2) Op. cit., cap. 8, p. 50-51.

próprio Ministro Clarêncio, em torno destas palpitantes questões.

Ouçamos alguns trechos da palestra de Clarêncio:

“— A Lei, como representação de nosso Pai Celestial, manifesta-se a tudo e a todos, através dos múltiplos agentes que a servem.

... Em nome de Deus, as criaturas, tanto quanto possível, atendem às criaturas. Assim como possuímos em eletricidade os transformadores de energia para o adequado aproveitamento da força, temos igualmente, em todos os domínios do Universo, os transformadores da bênção, do socorro, do esclarecimento... As correntes centrais da vida partem do Todo-Poderoso e descem a flux, transsubstanciadas de maneira infinita. Da luz suprema à treva total, e vice-versa, temos o fluxo e o refluxo do sopro do Criador, através de seres incontáveis, escalonados em todos os tons do instinto, da inteligência, da razão, da humanidade e da angelitude, que modificam a energia divina, de acordo com a graduação do trabalho evolutivo, no meio em que se encontram. Cada degrau da vida está superlotado por milhões de criaturas... O caminho da ascensão espiritual é bem aquela escada milagrosa da visão de Jacob, que passava pela Terra e se perdia nos céus... A prece, qualquer que ela seja, é ação provocando a reação que lhe corresponde. Conforme a sua natureza, paira na região em que foi emitida ou eleva-se mais, ou menos, recebendo a resposta imediata ou remota, segundo as finalidades a que se destina. Desejos banais encontram realização próxima na própria esfera em que surgem. Impulsos de expressão algo mais nobre são amparados pelas almas que

se enobreceram. Ideais e petições de significação profunda na imortalidade remontam às alturas...

O mentor generoso fez pequeno intervalo, como a dar-nos tempo para refletir e acentou:

— Cada prece, tanto quanto cada emissão de força, se caracteriza por determinado potencial de frequência e todos estamos cercados por Inteligências capazes de sintonizar com o nosso apelo, à maneira de estações receptoras. Sabemos que a Humanidade Universal, nos infinitos mundos da grandeza cósmica, está constituída pelas criaturas de Deus, em diversas idades e posições... No Reino Espiritual, compete-nos considerar igualmente os princípios da herança. Cada consciência, à medida que se aperfeiçoa e se santifica, aprimora em si qualidades do Pai Celestial, harmonizando-se, gradativamente, com a Lei. Quanto mais elevada a percentagem dessas qualidades num espírito, mais amplo é o seu poder de cooperar na execução do Plano Divino, respondendo às solicitações da vida, em nome de Deus, que nos criou a todos para o Infinito Amor e para a Infinita Sabedoria...” (1)

5. RESPOSTAS DE VULTOS VENERÁVEIS DA HUMANIDADE AS SÚPLICAS DE SEUS DEVOTOS

Sempre observando e colhendo informações com o alto objetivo de aprendizado próprio e de transmitir sua experiência a nós outros, encarnados, André Luiz teve a oportunidade de realizar proveitoso estudo do poder da oração. Esta pesquisa, feita em

(1) XAVIER, Francisco Cândido — Entre a Terra e o Céu. Pelo Espírito André Luiz. 5. ed., Rio de Janeiro, FEB [1972] cap. I, p. 9-11.

companhia do seu colega Hilário e do experiente Assistente Silas, foi possível graças à sintonia deles com a faixa mental de criaturas em prece, permitindo assim, a análise dos pensamentos emitidos.

Focalizaremos, sucintamente, duas observações.

Na primeira delas, uma senhora exorava a proteção de Santa Teresinha do Menino Jesus (desencarnada no Carmelo de Lisieux, França, em 1897). Diante da cena, ao Assistente "indagou Hilário com o otimismo de sempre:

— E a mensagem dela alcança o coração da famosa freira?

— Como não? — respondeu o interlocutor. — Depois da morte do corpo, as criaturas efetivamente santificadas encontram as mais altas quotas de serviço, na expansão da luz ou da caridade, do conhecimento ou da virtude de que se fizeram a fonte viva de inspiração, quando no aprendizado humano. O céu beatífico e estanque existe apenas na mente ociosa daqueles que pretendem progresso sem trabalho e paz sem esforço. Tudo é criação, beleza, aprimoramento, alegria e luz incessantes na obra de Deus, a expressar-se, divina e infinita, através daqueles que se elevam para o Infinito Amor. Assim pois, o coração que deixe na Terra uma sementeira de fé e abnegação passa a nutrir, do plano espiritual, a lavoura das idéias e dos exemplos que legou aos irmãos de luta evolutiva, lavoura essa que se expande naqueles que lhe continuam o ministério sagrado, crescendo, assim, em trabalho e influência para

o bem, no setor de ação iluminativa e santificante que o Senhor lhe confia." (1)

Uma outra senhora, igualmente analisada, assim suplicava ao querido e inesquecível médico brasileiro, Dr. Bezerra de Menezes:

— "Doutor Bezerra, por amor de Jesus, não abandones meu pobre Ricardo nas trevas da desesperação!... Meu esposo infeliz atravessa rudes provas!... Ó generoso amigo, socorre-nos! Não permitas que ele desça ao abismo do suicídio... Dá-lhe coragem e paciência, sustenta-lhe o bom ânimo!... As dificuldades e as lágrimas que o afligem no mundo caem sobre minh'alma como chuva de fel!..." (2)

E a seguir, André Luiz comenta a sua valiosa experiência:

"Antes de desviar a minha atenção, fitei o semblante do grande médico, segundo as recordações da irmã que orava, confiante, anotando o primor da fotografia mental que ela exteriorizava.

Víamos, ali, o retrato do Dr. Bezerra, qual o conhecemos sereno, simples, bondoso, paternal...

Precedendo-nos as interrogações costumeiras, o Assistente informou:

— Com mais de cinquenta anos consecutivos de serviço à Causa Espírita, depois de desencarnado, Adolfo Bezerra de Menezes fez jus à formação de

(1) XAVIER, Francisco Cândido — *Ação e Reação*. Pelo Espírito André Luiz. 4. ed., Rio de Janeiro, FEB [1972] cap. 11, p. 159.

(2) Id. *Ibid.*, cap. 11, p. 161.

extensa equipe de colaboradores que lhe servem à bandeira de caridade. Centenas de Espíritos estudiosos e benevolentes obedecem-lhe às diretrizes na lavoura do bem, na qual opera e'le em nome do Cristo.

— Desse modo — alegou Hilário —, é fácil compreendê-lo agindo em tantos lugares ao mesmo tempo...

— Perfeitamente — concordou Silas. — Como acontece na radiofonia, em que uma estação emissora está para os postos de recepção, assim qual uma só cabeça pensante para milhões de braços, um grande missionário da luz, em ação no bem, pode refletir-se em dezenas ou centenas de companheiros que lhe acatam a orientação no trabalho ajustado aos desígnios do Senhor. Bezerra de Menezes, invocado carinhosamente, em tantas instituições e lares espíritas, ajuda em todos eles, pessoalmente ou por intermédio das entidades que o representam com extrema fidelidade.

— Para isso — aduziu meu colega — terá o seu campo próprio de atividade, assim como um chefe de serviço humano possui a sede administrativa da qual distribui com os comandados o pensamento diretor da organização...

— Como não? — falou-nos o Assistente, sorrindo — o Senhor, que tem meios de instalar condignamente qualquer dirigente de trabalho humano, ainda mesmo nas mais ínfimas experiências da vida social no Planeta, não relegaria à intempérie os missionários da luz no Plano Espiritual." (1)



(1) Op. cit., cap. 11, p. 161-162.

Na 2ª mensagem de Walter, os seus familiares citados e o Dr. Edgard já são nossos conhecidos. Falta-nos identificar Gerson e Sandra.

Gerson José Bugiatto faleceu com apenas 23 anos, de acidente automobilístico, em 18 de novembro de 1973. Era amigo de Walter. Os seus pais, Mário e Maria Joana Bugiatto, residem na capital paulista. Sandra era a sua noiva.

A progenitora de Gerson fazia companhia a D. Maria Perrone na reunião do "Grupo Espírita da Prece". E o recado, profundamente carinhoso, veio através do amigo: *Nosso irmão Gerson está conosco e beija as mãos da mãezinha aqui presente. Comunica que tem pedido aos Mensageiros de Jesus por ela e pela Sandra.*

Aos nossos olhos, um exemplo admirável de preservação de laços sinceros de amizade na Vida Maior e a manifestação, por via mediúnica, do afeto aos seres queridos, deixados no plano terreno.



Não havia ainda completado 1 mês do recebimento da 2ª carta, quando brilhou na mente de D. Maria Perrone nítida intuição: seu filho a aguardava para um próximo e novo encontro epistolar.

O seu coração maternal, com a ferida da saudade em processo de cicatrização, passando por uma fase de intranquilidade em face de dolorosos problemas, pressentiu mais uma vez que, com a força inexaurível do amor, Walter atravessaria o "muro da morte" pela mediunidade de Chico Xavier para transmitir-lhe palavras de conforto e esclarecimento.

Rumo a Uberaba — era o apelo que brotava, límpido, em seu cérebro. Pela primeira vez iria acompanhada de um familiar, a sua filha Soninha.

Com este pequeno preâmbulo à leitura da 3ª mensagem, poderemos entender duas significativas frases da mesma: *Não podia, de minha parte, faltar ao nosso encontro; e Agradeço à Soninha ter vindo para nosso diálogo entre duas vidas.*

E o médium ignorava estes detalhes...

Naquela época, habitualmente, eram realizadas reuniões públicas no "Grupo Espírita da Prece" aos sábados, pela manhã. Aos 6 de setembro de 1975, numa dessas manhãs, Walter redigiu a sua nova carta, como veremos no próximo capítulo.

10.

Terceira Carta

Querida mãezinha, querida Soninha, corações queridos de meu coração, peço a Deus que nos abençoe.

Não podia, de minha parte, faltar ao nosso encontro. As vezes — compreendo isso agora com bastante clareza — depois da morte física, estamos na condição de uma chave humana, manejada pelo amor e pela abnegação de Jesus, para solucionar muitos problemas ou abrir as portas da compreensão e da paz.

Querida velhinha e santa benfeitora de meus dias, graças a Deus, as suas forças estão renovadas. Papai e nosso querido Berto encontram em seu carinho a energia e a firmeza para decidirem caminhos a seguir adiante com nossos encargos.

Velhinha abençoada, o seu coração querido reconhece que também, de meu lado, muito me preocupou pela saúde do papai.Felizmente o querido pai e nosso melhor amigo está melhorando, e, melhorando sempre mais a fim de tomar as rédeas de nossas tarefas e refazer a alegria de nossa casa

Mãezinha, não se inquiete, as lutas na Terra são como nuvens no céu. Essas sombras condensadas desaparecem perante a luz da fé, assim como as nuvens se dissipam perante o Sol. É preciso compreender a vida para que possamos vivê-la no proveito necessário.

Digo assim, para confirmar a nossa necessidade de paz e conformação. O carinho não morre naqueles que se despedem do mundo, no entanto creio que a presença da *morte*, ou melhor, o estado de distância nos ensina a amar como se deve e não como se deseja.

....Rogo a todos, incluindo Soninha e Berto, para que me auxiliem a construir a precisa compreensão com a serenidade necessária. Problemas surgem no mundo que não podemos solucionar com recursos financeiros, porque esses recursos não atingiam as forças de que dependemos na intimidade dos corações para readquirirmos a paz.

Nossa querida Su velará por nosso Waltinho. E conquanto sem o corpo físico, já que me vejo agora em outras dimensões da vida, seguirei o filhinho querido, entregando a ele quanto possível, o amor que lhe devemos e o carinho com que ele vive dentro de nós.

Diga, mãezinha querida, ao querido papai e ao nosso Carlos Roberto para seguirmos em nossas atividades; trabalhando, levantaremos o futuro melhor.

E por maiores que sejam as nossas dificuldades, conservaremos a certeza de que no trabalho de hoje, formamos os recursos indispensáveis à segurança nos dias do futuro.

Aquela abençoada oficina de serviço em que papai nos formou é um templo de fé viva, na qual recebemos tantas bênçãos. E essas bênçãos maiores criaram as nossas melhores alegrias.

Que a vida continue como é, e, com as lições que ela encerra, saibamos viver da melhor maneira pela qual possamos ser úteis.

Em 23 de agosto do ano passado, se bem me lembro, disse a você, minha querida velhinha. e ao meu caro pai: Quanta coisa a fazer!... e os pequeninos... os outros pequeninos que esperam por nós?

....Quanto mais, querida mãezinha, hoje seu Walter acredita que o amor é uma lágrima de Deus no coração de nós todos, uma lágrima de carinho e de saudade, no momento em que recebemos a razão para sustentar a vida por nós mesmos. Uma lágrima que traremos, através de todos os tempos, até repassarmos à felicidade da perfeita união com Deus. Penso assim hoje porque, de qualquer modo, o amor em nós é uma chama que nos ilumina e nos aquece ou nos clareia por dentro como sendo uma chama desnivelada a purificar-nos os sentimentos, seja na incompreensão ou na distância, na angústia de quem não realiza os próprios sonhos ou no sofrimento de quem espera uma presença que parece indefinidamente retardada. Habituemo-nos, desse

modo, a guardar essa lágrima de Deus no coração, trabalhando e compreendendo para deixarmos a cada criatura a felicidade que não é o nosso modo de ser, mas sim a feição íntima de cada um. Rogo a Deus, para que nossa querida Su seja sempre feliz e qualquer que seja a escolha que ela faça quanto ao futuro, em qualquer situação, em que nos vejamos, serei para ela sempre o irmão e o amigo, o colega e o companheiro, colaborando quanto me seja possível, para vê-la tranqüila e contente.

Agora mãezinha, abracemos a nossa conversação sobre a caridade, o nosso mais belo ponto de encontro. Continuaremos fazendo o melhor ao nosso alcance, por aqueles corações que o Senhor nos encaminha às atividades na seara nova.

Velhinha querida, organizar a alegria dos outros é alimentar a nossa alegria. Distribuir bondade é investir o bem para que o bem nos felicite o amanhã. Mãezinha, tudo é belo, quando buscamos o bem.

Nosso amigo César, lembrado por nossa irmã Verônica, está presente. Agradece o carinho da esposa e pede-lhe para abençoar os filhos em seu nome. César, Helena, Júlio César e Fátima... nomes que ele diz dentre outros para significar as suas lembranças.

Agradeço à Soninha ter vindo para nosso diálogo entre duas vidas. Berto e a outra irmã, nossa querida Sônia, estão em minha lembrança. Deus nos ampare sempre a todos. Mãezinha querida, anjo de nossas vidas, reconforte o papai e sustente nele aquela coragem que não pode desaparecer.

Estamos juntos, sempre mais juntos. Vovô comigo pede a Jesus para que nos abençoe.

Mãezinha querida, receba aqui, nesta carta de muto amor e de muita gratidão, todo o carinho iluminado de muita saudade, com todo o coração de seu filho, sempre reconhecido.

Walter.

Influência dos Espíritos na vida terrena.

Enaltecendo a fé, o amor e a caridade

Nesta 3ª mensagem Walter mostra-se-nos um Espírito renovado, seguro de si, plenamente reintegrado no Mundo Maior, bem distanciado — graças aos seus esforços, sob as bênçãos do Senhor — daquele período de convalescença, quando oscilava entre melhoras e pioras do seu estado psíquico.

Lembre-mo-nos que, na Primeira Carta, explicando sua instabilidade emocional frente à nova situação de recém-liberto do invólucro carnal, suplicava fé e conformação aos seres queridos, pois recebia deles, claramente, os reflexos mentais de aflitiva e desesperadora saudade.

Gozando, agora, pleno domínio emocional e asenhoreando uma compreensão mais ampla da vida em todos os sentidos, já com experiências na abençoada tarefa de auxílio ao próximo, como um bom

samaritano ciente de suas responsabilidades, afirma humildemente: *Às vezes, depois da morte física, estamos na condição de uma chave humana, manejada pelo amor e pela abnegação de Jesus, para solucionar muitos problemas ou abrir as portas da compreensão e da paz.*

Percebe-se que a influência benéfica do Autor Espiritual junto aos familiares não se circunscreve às orientações através das cartas. As “sensações” de seu pai confirmadas na 1ª mensagem e as intuições nítidas de sua mãe atestam a nossa observação.

Sabemos que o intercâmbio entre os dois Mundos, físico e espiritual, é intensíssimo.

Interessado em conhecer a fundo a intervenção dos Espíritos no plano material, Kardec apresentou às Entidades, que supervisionaram a sua missão de codificador, dezenas de perguntas sobre tão relevante tema, iniciando pelas questões:

“— Os Espíritos vêem tudo o que nós fazemos?

— Os Espíritos podem conhecer nossos mais secretos pensamentos?” (1)

Obtendo as respectivas respostas:

“— *Eles podem vê-lo, visto que vos rodeiam incessantemente. Todavia, cada um não vê senão as coisas sobre as quais dirige sua atenção, porque daquelas que lhe são indiferentes, eles não se preocupam.*

(1) KARDEC, Allan — O Livro dos Espíritos. q. 456 e 457.

— *Freqüentemente, eles conhecem aquilo que vós querieis ocultar a vós mesmos; nem atos, nem pensamentos podem lhes ser dissimulados.*"

E, dentre tantas outras questões, ressaltaremos mais a seguinte:

"— Os Espíritos influem sobre nossos pensamentos e nossas ações?" (1)

Merecendo o seguinte esclarecimento lapidar:

"— *A esse respeito sua influência é maior do que credes porque freqüentemente são eles que vos dirigem.*"

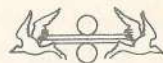
Walter apresenta-nos, em sua missiva, mais uma cristalina confirmação dessas verdades ditas há mais de 1 século. Conversa com seus familiares como alguém que residisse ao lado deles, no dia-a-dia, sob o mesmo teto.

Aliás, vai mais longe, abordando com segurança, questões íntimas de seus amados; é oportuno lembrar aqui, conforme expusemos na *Introdução* desta obra, que, com sinais convencionais, somente os problemas mais íntimos foram, compreensivelmente, suprimidos.

Ao usar a expressão "com segurança", não só referimos ao conhecimento do Autor Espiritual do que se passava no âmago dos seus familiares, mas também à forma de encarar os problemas, com elevação e amor, dosando os conceitos emitidos com profunda compreensão cristã. Essa nossa observação não se baseia, evidentemente, apenas na leitura do texto

(1) Op. cit., q. 459.

psicografado, mas também nos diálogos fraternos mantidos por nós com os seus pais e irmãos.



Diante de tema tão importante, *A influência dos Espíritos na vida terrena*, suscitado por Walter, fomos levados a consultar várias obras doutrinárias, que versam sobre tal influência.

A mente é o ponto de partida para o estudo do intercâmbio entre os vivos e os "mortos", exercendo um papel fundamental.

É a mente que, sob a ação da vontade, produz os fluidos ou as correntes do pensamento.

Pensamento é força criativa que projetamos constantemente e, a cada instante, também assimilamos, sem perceber, correntes mentais oriundas dos nossos semelhantes, encarnados ou desencarnados. Vivemos, assim, em regime de permuta incessante, com fundamento nos princípios da afinidade.

Emmanuel dá-nos uma visão ampla desse mundo de vibrações e ondas em que estamos mergulhados, elucidando:

"Encarnados e desencarnados povoam o Planeta, na condição de habitantes dum imenso palácio de vários andares, em posições diversas, produzindo pensamentos múltiplos que se combinam, que se repelem ou que se neutralizam.

Correspondem-se as idéias, segundo o tipo em que se expressam, projetando raios de força que alimentam ou deprimem, sublimam ou arruinam, in-

tegram ou desintegram, arrojados sutilmente do campo das causas para a região dos efeitos.

A imaginação não é um país de névoa, de criações vagas e incertas. É fonte de vitalidade, energia, movimento...

O idealismo operante, a fé construtiva, o sonno que age, são pilares de todas as realizações.

Quem mais pensa, dando corpo ao que idealiza, mais apto se faz à recepção das correntes mentais invisíveis, nas obras do bem ou do mal.

E, em razão dessa lei que preside à vida cósmica, quantos se adaptarem, ao reto pensamento e à ação enobrecedora, se fazem preciosos canais da energia divina, que, em efusão constante, banha a Humanidade em todos os ângulos do Globo, buscando as almas evoluídas e dedicadas ao serviço de santificação, convertendo-as em médiuns ou instrumentos vivos de sua exteriorização, para benefício das criaturas e erguimento da Terra ao concerto dos mundos de alegria celestial." (1)

Sendo a mediunidade, como vemos, um atributo do Espírito, tendo na mente a base de sua manifestação, a pergunta: "todos somos médiuns?" é válida?

Sim. Cada ser possui uma determinada abertura além dos cinco sentidos fisiológicos, um certo grau de mediunidade.

Naturalmente, existem as criaturas com percepções psíquicas mais avançadas, constituindo o gru-

(1) XAVIER, Francisco Cândido — Roteiro. Pelo Espírito Emmanuel. Cap. 25, p. 108-109.

po dos médiuns com tarefas definidas e especializadas.

Mas, ainda nos afirma Emmanuel: "Antes de tudo, é preciso compreender que tanto quanto o tato é o alicerce inicial de todos os sentidos, a intuição é a base de todas as percepções espirituais e, por isso mesmo, toda inteligência é médium das forças invisíveis que operam no setor de atividade regular em que se coloca.

Dos círculos mais baixos aos mais elevados da vida, existem entidades angélicas, humanas e sub-humanas, agindo através da inteligência encarnada, estimulando o progresso e divinizando experiências, brunindo caracteres ou sustentando abençoadas reparações, protegendo a natureza e garantindo as leis que nos governam." (1)

O nosso conhecido André Luiz, quando no Plano Espiritual, começou a estudar os múltiplos fenômenos da vida a se desdobrarem na Crosta terrestre e nas Esferas Mais Altas, deparou-se, frequentemente, com as mais diversas manifestações mediúnicas. Por isso, é tema presente em toda a série admirável de suas obras.

Decorreram pouco mais de 10 anos de trabalho e de observações as mais diversas. Estas, à medida que registradas, foram criando as páginas de livros-documentários, alguns deles já citados aqui. Após esse período, André teve ensejo de aprofundar os seus conhecimentos nesse setor de intercâmbio mental, realizando, juntamente com seu colega Hilário, um curso de ciências mediúnicas.

(1) Op. cit., cap. 27, p. 115-116.

A pedido de Clarêncio, Ministro da cidade de "Nosso Lar", o Assistente Aulus, considerado um dos companheiros mais competentes no assunto, se dispôs a elucidá-los, afirmando, de início:

"Indubitavelmente, a mediunidade é problema dos mais sugestivos na atualidade do mundo. Aproxima-se o homem terreno da Era do Espírito, sob a luz da Religião Cósmica do Amor e da Sabedoria e, decerto, precisa de cooperação, a fim de que se lhe habilite o entendimento." (1)

As anotações do curso referido deram origem ao livro *Nos Domínios da Mediunidade*, onde se encadeiam trinta capítulos refertos de preciosos ensinamentos, com expressivo conteúdo doutrinário.

Não fugindo do nosso objetivo de focalizar apenas as bases do intercâmbio mediúnico, reproduziremos alguns trechos da obra citada.



Ao final do estudo do caso de um jornalista, analisado quando escrevia em mesa de um restaurante, ladeado por infeliz Entidade sintonizada com os seus pensamentos, nutrindo os mesmos propósitos indignos, agindo como hábil médium psicógrafo sem se aperceber que estava sob forte influência espiritual, André Luiz, preocupado com o que observara, exclamou:

"— O quadro sob nossa análise induz à medi-

(1) XAVIER, Francisco Cândido — *Nos Domínios da Mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 3. ed., Rio de Janeiro, FEB [1976] cap. 1, p. 13.

tação nos fenômenos gerais de intercâmbio em que a Humanidade total se envolve sem perceber..." (1)

O orientador, sempre solícito, ao lado dos dois aprendizes, concordou, dizendo:

"— Ah! sim! faculdades medianímicas e cooperação do mundo espiritual surgem por toda parte. Onde há pensamento, há correntes mentais e onde há correntes mentais existe associação. E toda associação é interdependência e influência recíproca. Daí concluímos quanto à necessidade de vida nobre, a fim de atrairmos pensamentos que nos enobreçam. Trabalho digno, bondade, compreensão fraterna, serviço aos semelhantes, respeito à Natureza e oração constituem os meios mais puros de assimilar os princípios superiores da vida, porque damos e recebemos, em espírito, no plano das idéias, segundo leis universais que não conseguiremos iludir." (2)

A seguir, deixando o local onde colheram valiosos ensinamentos, retornaram à via pública.

Pouco depois, passou por eles uma ambulância, em marcha lenta, abrindo caminho com o ruído de sua sirene.

"À frente, ao lado do condutor, sentava-se um homem de grisalhos cabelos a lhe emoldurarem a fisionomia simpática e preocupada. Junto dele, porém, abraçando-o com naturalidade e doçura, uma entidade em roupagem lírial lhe envolvia a cabeça em suaves e calmantes irradiações de prateada luz.

— Oh! — inquiriu Hilário, curioso — quem será aquele homem tão bem acompanhado?

(1) e (2) Op. cit., cap. 15, p. 144.

Aulus sorriu e esclareceu:

— Nem tudo é energia viciada no caminho comum. Deve ser um médico em alguma tarefa salvacionista.

— Mas, é espírita?

— Com todo o respeito que devemos ao Espiritismo, é imperioso lembrar que a Bênção do Senhor pode descer sobre qualquer expressão religiosa — afirmou o orientador com expressivo olhar de tolerância. — Deve ser, antes de tudo, um profissional humanitário e generoso que por seus hábitos de ajudar ao próximo se fez credor do auxílio que recebe. Não lhe bastariam os títulos de espírita e de médico para reter a influência benéfica de que se faz acompanhar. Para acomodar-se tão harmoniosamente com a entidade que o assiste, precisa possuir uma boa consciência e um coração que irradie paz e fraternidade.

— Contudo, podemos qualificá-lo como médium? — perguntou meu companheiro algo desapontado.

— Como não? — respondeu Aulus, convicto. — É médium de abençoados valores humanos, mormente no socorro aos enfermos, no qual incorpora as correntes mentais dos gênios do bem, consagrados ao amor pelos sofredores da Terra.

E, com significativa inflexão de voz, acrescentou:

— Como vemos, influências do bem ou do mal, na esfera evolutiva em que nos achamos, se estendem por todos os lados e por todos os lados registramos a presença de faculdades medianímicas, que

as assimilam, segundo a direção feliz ou infeliz, correta ou indigna em que cada mente se localiza. Estudando, assim, a mediunidade, nos santuários do Espiritismo com Jesus, observamos uma força realmente peculiar a todos os seres, de utilidade geral, se sob uma orientação capaz de discipliná-la e conduzi-la para o máximo aproveitamento no bem. Recordemos a eletricidade que, pouco a pouco, vai transformando a face do mundo. Não basta ser dono de poderosa cachoeira, com o potencial de milhões de cavalos-vapor. É preciso instalar, junto dela, a inteligência da usina para controlar-lhe os recursos, dinamizá-los e distribuí-los, conforme as necessidades de cada um... Sem isso, a queda d'água será sempre um quadro vivo de beleza fenomênica, com irremediável desperdício.

O tempo, contudo, não nos permitia maior de longa na conversação e rumamos, desse modo, para um agrupamento em que os nossos estudos da véspera encontrariam o necessário prosseguimento." (1)



Fé, amor e caridade são outros temas relevantes da Terceira Carta de Walter, colocados à feição de ingredientes sublimes, endereçados, a nós, a todos nós.

É comparada a fé a uma luz que dissipa as nossas inquietações, mas... *É preciso compreender a vida para que possamos vivê-la no proveito necessário.* É um chamamento para a fé raciocinada, porque "não há fé inabalável senão aquela que pode

(1) Op. cit., cap. 15, p. 144-146.

encarar a razão face a face, em todas as épocas da Humanidade" — segundo o pensamento de Allan Kardec. (1)

O amor, questão sempre nova, é visto sob prismas diferentes, que nos enriquecem o entendimento.

Ele diz que *a presença da "morte", ou melhor, o estado de distância nos ensina a amar como se deve e não como se deseja*. Na Primeira Carta, após comentar sobre seu filhinho que deixou na Terra: *agora querida mamãe, tenho igualmente um Wal-tinho para adorar e cuidar*, afirma mais adiante: *Quanta coisa a fazer!... E os outros pequeninos que esperam por nós?* E, nessa Terceira Carta, enfatiza este apelo, recordando-o mais uma vez.

Em face destes tópicos, podemos compreender a expressão "amar como se deve" como uma referência ao amor sem apego excessivo, com o coração voltado para a grande família humana.

É a imensa luta da alma que almeja um degrau mais alto na grande escalada evolutiva. Luta entre o "amar como se deseja", sentimento sempre motivado por impulsos egoístas — caracterizando o "homem velho" — e o "amar como se deve", condição que estrutura o "homem novo", espiritualizado, mais avançado no caminho do aperfeiçoamento do campo íntimo.

Walter viu com profundidade tais questões, após o seu desenlace.

Não ignoramos que o fenômeno da morte provoca enorme impacto, atingindo os recessos da al-

(1) O Evangelho Seg. o Espiritismo. Cap. XIX, p. 247.

ma, a curto e a longo prazo, chamando-a à realidade maior, despertando-lhe a consciência profunda.

Mas, até onde? Tudo dependerá do grau de receptividade de cada ser aos apelos evolutivos.

Quando estamos presos à Crosta terrestre por atrações de caráter inferior, por exemplo, o amor possessivo, mórbido, não é fácil, a curto prazo, desligarmo-nos dessas algemas, ao deixarmos a vestimenta carnal. As paixões estabelecem tristes quadros de fixação mental na vida que palpita fora da matéria densa. São as cadeias sem grades, as prisões mentais.



O valor da *caridade* é realçado na parte final da missiva. As preocupações de Walter, não se circunscrevendo às questões da família consanguínea, indo bem mais à frente, alcançando as necessidades da família humana, revelam-se assim: *Agora mãezinha, abracemos a nossa conversação sobre a caridade, o nosso mais belo ponto de encontro. Continuaremos fazendo o melhor ao nosso alcance, por aqueles corações que o Senhor nos encaminha na seara nova.*

O Autor Espiritual mostra-se nos portador de sentimentos sublimados — amparando sem alarde e compreendendo com fraternidade legítima — e emite conceitos que desfazem qualquer impressão errônea, que nos poderia dar à primeira vista, de apego excessivo aos seres amados que deixou na Terra, ao observá-lo acompanhar *pari passu* os problemas

familiares. É um seguimento de questões espirituais, sentimentais, sem a mácula da paixão ou do melindre; e, às vezes, faz ligeiras referências aos assuntos materiais.

Portanto, vemo-nos diante de um exemplo de vinculação afetiva equilibrada, mantida por vibrações de profundo amor, que também se espraia além dos círculos mais íntimos e afins.



Na mensagem, Walter diz *seara nova* aludindo-se às obras assistenciais impulsionadas pelo generoso coração de sua progenitora.

Destaca a presença de duas Entidades espirituais à reunião: o *vovô* Perrone, que o assistiu nas primeiras horas de Espírito liberto da matéria, e César, um amigo da família.

O Sr. César Ottaviani faleceu na capital paulista em 9 de novembro de 1974. Deixou viúva, D. Verônica Ottaviani, residente em São Paulo, que estava presente à reunião pública de Uberaba. Júlio César e Fátima são os seus netos, filhos do casal Sr. César Waldemar Sérgio Ottaviani e D. Helena Maria de Mello Ottaviani.

As demais personagens citadas, os queridos familiares de Walter, são todas nossas conhecidas.

12.

Quarta Carta

Velhinha santa, aqui está o seu filho. Abençoe-me.

Sônia querida, seu irmão vem abraçá-la.

Amanhece o dia do meu novo aniversário, os amigos presentes são convidados para a nossa festa. Festa de orações, em que procuramos agradecer a Deus as bênçãos recebidas. Sei que me desculparão pelo tempo que lhes tomo. Entretanto, querida mãezinha, nossos amigos são hoje o desdobramento de nossa família.

Minha gratidão é o coração a exteriorizar-se para rogar-lhe, incluindo aqui o papai e o Carlos, muita serenidade ante os fenômenos da vida familiar. Digo *fenômenos*, porque sempre esperamos harmonia e felicidade em nosso grupo.

Mas o tempo mostra situações que ficaram para trás e essas situações, a meu ver, são testes na escola do mundo em que devemos procurar entendimento e amor, serviço e fé. Mãezinha, todas as nuvens estão passando...

Parece coisa de criança, um rapaz vir à Terra falar acerca de um filhinho que ficou muito bem amparado, mas os que constroem, na família e no lar, as bases da própria felicidade, saberão compreender-nos. Nossa Suely é sempre aquele coração de menina generosa que se iluminará cada vez mais com a passagem dos dias.

...Tudo está bem e deve prosseguir como está, porque meu pai e nosso Carlos precisam de serenidade para o trabalho. Os recursos de alegria que esperamos, agora virão com a bênção de Deus no tempo.

Não chorem. Continuemos trabalhando. Aqui se encontra nosso querido amigo Gerson que se afinou com as tarefas da querida mamãe, Dona Maria. E creiam, esse aumento de atividade e esse desdobro de serviços são terapêutica de que necessitamos.

Para curar a saudade foi preciso convertê-la em beneficência. E nós dois para ficarmos mais tempo junto dos nossos, obtivemos o consentimento desejado, no compromisso de escorá-los no trabalho do bem. As vezes, ponho-me a pensar que transformei o comércio noutra espécie de intercâmbio... o intercâmbio da fraternidade que vai crescendo em nosso empório caseiro de alimento e agasalho.

Mãezinha, esse é o caminho real de libertação: servir e servir cada vez mais, para lembrar o bem

dos outros, olvidando as nossas exigências. Agradecemos por tudo: pelas bênçãos das crianças, pelos votos de paz e socorro aos que necessitam, pelo amor aos irmãos em necessidades maiores e pelo carinho das preces.

Agora a Fernanda com Alexandre e a outra Sônia, auxiliando-nos para encontrar alegrias novas. Peço à senhora me ajude com seu entendimento de mãe e guarde a certeza de que meu filhinho e seu neto estão crescendo para o bem. Abraça o Carlos e diga a ele que a impressão de minha presença não é imaginação. Acontece que estou com ele e meu pai, tanto quanto possível, trabalhando de outro modo.

Graças a Deus, nossas recordações foram selecionadas e só permanecem aquelas que nos falem da beleza da vida e na bondade de Deus.

Sônia querida, muito obrigado. Querida irmã, continue. Não esperamos menos de você na compreensão do lar.

Mãezinha querida, agradeço a Jesus a nossa festa de aniversário em que a sua ternura é a luz de minha alegria.

Estaremos sempre juntos. Receba, minha adorada velhinha, com papai e todos os nossos, o abraço e o beijo do filho sempre reconhecido e cada vez mais feliz por saber-se seu filho do coração,

Walter.

13.

Para curar a saudade foi preciso convertê-la em beneficência

13 de fevereiro de 1976.

A reunião de sexta-feira do "Grupo Espírita da Prece", em Uberaba, como habitualmente, avançava noite adentro.

Na última parte dos trabalhos, Chico Xavier volta a sentar-se numa extremidade da mesa do salão e, em transe mediúnico, começa a psicografar perante numeroso público. Já na primeira hora do novo dia (14 de fevereiro) recebe a derradeira mensagem, de autoria do Espírito de Walter Perrone, exatamente na data do 2º aniversário de sua desencarnação.

Walter fala em festa. Para muitos esta expressão poderá causar surpresa, mas, sabemos que para as criaturas, que chegam ao fim da jornada terre-

na com a consciência tranqüila, alicerçada nos deveres cumpridos, o desligamento da roupagem carnal representa uma libertação vitoriosa, um final feliz de mais uma etapa evolutiva. Para essas criaturas, a data do passamento é tão significativa como o dia em que choraram pela primeira vez num local humilde ou na mais luxuosa Maternidade. Há, portanto, uma equivalência entre o nascer *lá* e o nascer *aqui*...

Entendemos que o seu convite para a festa de orações, em agradecimento a Deus pelas bênçãos recebidas, dirigiu-se a encarnados e desencarnados, pois explicou: *querida mãezinha, nossos amigos são hoje o desdobramento de nossa família*.

A família espiritual de cada um é muito ampla, englobando não só as pessoas ligadas entre si, anteriormente na Terra, por laços consangüíneos, mas também, muitas outras presas ao coração pelos liames autênticos de simpatia e de afinidade de idéias. Aliás, nem sempre os parentes por consangüinidade pertencem a uma família espiritual. Esta é constituída na base da afeição recíproca, estruturada ao longo de vivências nos Planos material e espiritual. A vida ensina que somente o fato de convivermos sob um mesmo teto não é condição criadora dos laços inquebrantáveis de simpatia e de amor.

Enquanto houver a distribuição da imensa família espiritual de cada um, nos dois Planos da Vida — que perdurará enquanto necessitarmos de encarnações na Escola Planetária — o nascimento no *lado de lá* ocasiona *aqui* saudade nos entes queridos, assim como o nascimento *aqui* provoca no *outro lado* separações afetivas, transitórias, mas igualmente sentidas.

Ah!... A saudade... Problema sempre vivo e, às vezes, torturante em nossos corações. Por isso mesmo, um dos sentimentos mais exteriorizados e, na literatura, milhares e milhares de vezes citado em prosa e verso. Prova difícil, sempre dolorosa, mas educativa, por convidar-nos ao aprendizado da esperança e da fé.

Lendo novamente a Segunda Carta, deparamos com este elucidativo trecho:

— *Mãezinha, saudade é uma companheira nos dois lados da vida. Os que ficam aí choram pelos que voltam e os que voltam para cá se lamentam da falta de quantos aí ficam, esperando o tempo. E o tempo é um mestre invisível trabalhando aqui e aí — uma espécie de conselheiro que nunca nos deixa de apoiar com as sugestões precisas à obtenção da felicidade.*

A ausência de seres amados, principalmente quando afastados temporariamente pela morte, pode ocasionar desajustes emocionais graves. Pensando nisso, em sua nova carta, o Autor Espiritual avança mais no tema, apontando-nos um caminho que ele chama de libertação: *servir e servir cada vez mais, para lembrar o bem dos outros, olvidando as nossas exigências.*

Não só a lógica, mas muitos casos do nosso conhecimento atestam a validade do caminho sugerido. Na verdade, é um recurso dos mais valiosos, muitas vezes, fundamental, na prevenção e no tratamento dos transtornos emocionais decorrentes de tais provas.



— *Para curar a saudade foi preciso convertê-la em beneficência. E nós dois para ficarmos mais tempo junto dos nossos, obtivemos o consentimento desejado, no compromisso de escorá-los no trabalho do bem.*

Já tivemos o ensejo de estudar nos capítulos 7 e 11 o extraordinário trabalho desempenhado, junto à Crosta terrestre, pelas falanges espirituais do Bem.

Ao dar novas notícias do seu grande amigo Gerson José Bugiatto (que estava também presente quando foi escrita a 2ª mensagem), explica que ambos, agora, foram autorizados pelos seus Mentores para participarem mais ativamente das obras assistenciais desenvolvidas pelos seus familiares.

Não fugindo a uma hierarquia fidelíssima de valores morais e intelectuais, as equipes de trabalho do Plano Maior obedecem às orientações dos seus superiores. Daí a referida obtenção do consentimento solicitado.



— *Abrace o Carlos e diga a ele que a impressão de minha presença não é imaginação.*

Dando mais um testemunho de sua atuação espiritual, Walter confirma as “impressões” de seu irmão.

Como duvidar? O médium ignorava totalmente o fato e, ainda mais, Carlos estava ausente da reunião pública.

Na Primeira Carta, vimos outra confirmação semelhante, também nas mesmas condições, isto é, sem a presença do progenitor à reunião e sem nenhuma consulta específica ao médium:

— *Querido papai, o senhor me sente sim, a presença, quando está pensando em casa ou em nosso trabalho da rua Vilela.*



Seus sobrinhos, Fernanda e Alexandre foram carinhosamente lembrados. São filhos do casal Sônia e Carlos Roberto Perrone.

Os demais amigos — Gerson e D. Maria Bugiatto — e familiares já são nossos conhecidos.

14.

Quinta Carta

Velhinha santa, minha querida mãe.

Sônia, sempre irmã do coração. Maria Joana, devotada amiga. Irmãos nossos. Deus nos abençoe. E não posso, mãezinha, esquecer o beijo da bênção. Peça a Deus por seu filho que torna ao lápis com o carinho e a gratidão de todos os dias.

Mãezinha, não há necessidade de sonoterapia. Converse com o nosso amigo Dr. Edgard. Em sonoterapia, diz meu avô Perrone, já se encontra quem na Terra busca os meios de alcançar a vida melhor. Cada pessoa está num certo grau de amnésia, enquanto na experiência física, porque num cérebro de recursos terrenos, apenas constituído por esses elementos, deve estar condicionado a certo tipo de carga mental. Por isso, velhinha do meu coração, não há neessidade de se recorrer, em nosso caso,

aos processos de *ausência curativa*, se podemos nomear a sonoterapia com alguma expressão que mais seguramente a designe.

Graças a Deus, querida mãezinha, não se alongou a aplicação e temos sua presença aí conosco. Firme e valorosa, lembrando árvore forte na tempestade. O vento pode retorcer-lhe os braços e despojá-la de algumas flores, mas a árvore benfeitora permanece verde, como se quisesse viver sempre vestida na cor da esperança, produzindo sempre mais refúgio e mais amor no auxílio aos outros. É isso mesmo. Não desanimar para permanecer.

A Terra, mãezinha, é a nossa escola. Cada criatura está com a responsabilidade por determinadas lições. Se os ensinamentos de que necessitamos se constituem de desprendimentos e compreensão, sejamos aprendizes fiéis aos nossos deveres. E que o curso supletivo da caridade esteja em nossas cogitações diárias, deve ser o nosso desejo, porque será sempre no trabalho do bem para os outros que encontraremos a nossa felicidade.

Migalha aqui, migalha ali, uma bênção de cá, outra de lá, e parece que a luz vai brilhando mais um tanto. A gente não percebe, de pronto, mas um dia, os olhos se enriquecem de vantagens novas e então reconhecemos que tudo quanto se fez no auxílio ao próximo, foi a nós que o fizemos.

Ninguém precisa pensar no pagamento da gratidão. Ninguém precisa manifestar-nos reconhecimento, se somos nós os intérpretes do serviço aos que faziam problemas e lutas maiores do que as nossas. O privilégio cabe a quem levantou as alegrias do bem para que o bem permaneça nos ca-

minhos do coração. Esta é uma aula em que seu filho recorda todos os dias, o imperativo de compreender com Jesus a lei do amor, pela qual aquele que auxilia é sempre o contemplado por auxílio mais amplo.

Nesse sentido, rogo à senhora e a meu pai, tanto aos irmãos, para que a paz seja irradiada de nossos pensamentos em favor de quantos nos compartilhem a vivência diária. Mãezinha, ninguém faz o mal ou tenta praticá-lo porque o conheça conscientemente. Isso é assim porque o mal é ausência do bem ou desequilíbrio da vida, e sempre que desajustamos essa ou aquela peça na engrenagem pela qual se sustém a harmonia dos outros, somos compelidos a restaurar a brecha feita.

Compaixão e entendimento devem ser ingredientes de nossa vida diária.

Agradeço tudo o que a minha querida velhinha está realizando por meu sossego e pode crer que seu filho está bem.

Qualquer dificuldade nos problemas da vida familiar, no fundo, é acidente. Todos nos amamos tanto e nos queremos tanto uns aos outros no círculo doméstico que, por vezes, aquilo que deveria ser aceito e compreendido, se faz motivação para cuidados desnecessários. Estamos juntos embora, em certas ocasiões, no lar o desajuste possa surgir para que a rearmenização nos acrescente a felicidade.

....Peço dizer ao papai que ele está com a solução certa e correta, quanto às providências da vida. Papai é aquele homem com luz de Sol no Espírito, cujas decisões são sempre baseadas em carinho e justiça na caminhada humana.

Como vemos, querida velhinha, a sonoterapia em nosso caso é desaconselhável. É imperioso des-pertar, cada vez mais, o nosso próprio discernimen-to e agir com equilíbrio e serenidade.

Muitas parcelas indispensáveis à suspirada so-ma de tranqüilidade, esperaremos receber de Deus pela bolsa do tempo. Na contabilidade das horas, todos os recursos vão chegando, a premiarem o trabalho de quantos se dedicam à procura da paz.

Diga ao Berto que nossas tarefas vão seguindo muito bem. Nunca esmorecer, e colocar obrigações para cima de nossos desejos, para que se transfor-mem na luz de que não prescindimos para a cami-nhada com segurança. A ele, e à querida esposa com os filhinhos, o afeto e a gratidão de sempre.

Por nossa querida Sônia continuemos velando fraternalmente.

Mãezinha, agradecemos à nossa querida Maria Joana, nossa irmã de ideal e tarefas, pelas realiza-ções que vamos conseguindo. A ela e às outras ir-mãs, o nosso reconhecimento. Nosso prezado Gerson está aqui conosco e está feliz notando o carinho maternal na direção daqueles amigos nossos, espe-cialmente as crianças, que os tecidos esculturados vão agasalhando e vestindo. Beneficência é investi-mento muito importante, rende juroz incalculáveis nos dois mundos, aí e aqui.

Outros amigos vieram. Nosso amigo Diogo Gar-cia e nosso irmão Joaquim, lembrados em nossas conversações e preces, vieram agradecer, especial-mente à nossa irmã Ocirema.

E companheiros aqui domiciliados, presentes à reunião, recomendam a mim, pequeno irmão e ser-

vidor, para que lhes entregue o carinho aos pais presentes. Áulus e Amaury rogam aos pais queri-dos coragem e esperança. Amaury espera oportuni-dade para se evidenciar ele próprio em carta, por aqui, mas deseja acertar problemas do sentimento, conquanto reafirme aos pais que está sempre na faixa doméstica do carinho em que se unem, nas tarefas de Americana. E Áulus abraça os queridos progenitores, que esperam sempre as expressões es-critas. Também ele aguarda recursos de integração com o processo mediúnico da escrita, mas diz à mãezinha, nossa irmã D. Camélia, que ela o re-gistra quase que constantemente, de vez que, pelas recordações e preces, estão sempre unidos.

São tantos os amigos e quase todos nos identi-ficamos pelo gênero da libertação do corpo físico. Quase todos nós, incluindo o Nasser e o José Ro-berto, tivemos o resgate final pelo *impacto* que nos transferiu de repente, de um campo a outro da vi-da. Mas é bom esquecer o que não serve para al-cançarmos aquilo que presta.

E desse modo, ficamos por aqui a reunirmos todos em prece pela felicidade de todos os que mais amamos.

Santa velhinha do meu coração, fique sempre com Deus. Haja o que houver, abençoe sempre e ame a todos, procurando realizar o melhor. Ao pa-pai, toda a minha confiança de filho reconhecido. As duas Sônias e ao Berto com as crianças, o ca-rinho que não se apaga em minha lembrança, e beijando-a, mãezinha, a desejar-lhe no segundo do-mingo do mês de maio próximo, um Dia Sempre Feliz, pede a sua bênção e beija ainda a sua face querida, o filho que acompanha os seus passos co-

mo quem não deseja afastar-se do anjo que lhe deu a vida em nome de Deus.

Sempre seu filho, cada vez mais seu

Walter.

15.

Encontro de amigos e recados do Além

Palavras de encorajamento, carinho e orientação fundamentam essa nova carta, recebida pelo médium Francisco Cândido Xavier, na manhã de 10 de abril de 1976, em reunião pública do "Grupo Espírita da Prece", em Uberaba, Minas Gerais.

Walter traça roteiros firmes, alicerçados em argumentações convincentes, por exemplo, o desaconselhamento incisivo da sonoterapia poderá ser útil a muitos de nós, em trânsito pelas vias terrestres, sujeitos a problemas emocionais semelhantes. Nesse momento, detemo-nos a pensar na generosidade da mãe de Walter, ao autorizar a divulgação de suas cartas.

Deparamos aqui e ali, com pensamentos reveladores de alta compreensão sobre vários aspectos da vida, mostrando-nos que, apesar das lutas e pro-

vas, muitas vezes difícilimas, da nossa existência, devemos enxergar a Terra, não como um vale de dores e lágrimas, mas, sim, uma grande e maternal escola. É, pois, nessa universidade imensa, girando a pleno céu, que, através de reencarnações, assimilamos novas lições e recapitulamos, em processos redentores, ensinamentos anteriormente desvirtuados ou desprezados.

O Autor Espiritual leva-nos, também, a meditar, mais acuradamente, sobre a sublime inter-relação entre o trabalho do bem ao próximo e a nossa felicidade, concluindo que *Esta é uma aula em que seu filho recorda todos os dias, o imperativo de compreender com Jesus a lei do amor, pela qual aquele que auxilia é sempre o contemplado por auxílio mais amplo.*



A lei de causa e efeito ou de responsabilidade, que espelha a Justiça Divina, estudada no capítulo 6, é aqui abordada de forma simples e clara, dispensando outros comentários de nossa parte:

— Mãezinha, ninguém faz o mal ou tenta praticá-lo porque o conheça conscientemente. Isso é assim porque o mal é ausência do bem ou desequilíbrio da vida e sempre que desajustamos essa ou aquela peça na engrenagem pela qual se sustêm a harmonia dos outros, somos compelidos a restaurar a brecha feita.



Vimos o comparecimento à reunião de Uberaba de muitos amigos do Autor Espiritual.

Os novos personagens citados serão, mais adiante, apresentados ao leitor; antes, porém, queremos destacar o tópico em que Walter explica porque Áulus (falecido em 1972) não se havia até então comunicado pela psicografia, aspiração tanto de seus familiares como dele também: *ele aguarda recursos de integração com o processo mediúnico da escrita.*

Várias obras doutrinárias esclarecem, com detalhes, os fundamentos do intercâmbio mediúnico.

Pela semelhança com o caso em tela, achamos mais ilustrativo lembrar, aqui, a experiência do Espírito de Irmão Jacob, que na última encarnação trabalhou valorosamente na seara espírita. Embora muito dedicado ao estudo da Doutrina esposada, encontrou no Além novos e surpreendentes ensinamentos sobre o intercâmbio entre os Dois Mundos.

Ele confessa em seu livro *Voltei* que havia prometido a si mesmo continuar, após sua desencarnação, a corresponder-se, por via mediúnica, com os leitores de suas páginas doutrinárias. Contudo, em face das dificuldades encontradas no Plano Espiritual, agora rotula tal intenção, conquanto nobre, de leviana.

Assim comenta a sua experiência:

“Considerava a escrita e a incorporação mediúnicas ocorrências triviais do nosso aprendizado; no entanto, vim de reconhecer, neste plano em que hoje me encontro, a desatenção com que assinalamos semelhantes dádivas. Esses fatos amplamente

multiplicados, em nossos agrupamentos, traduzem imenso trabalho dos Espíritos protetores, com reduzida compreensão por parte dos que a eles assistem.

Passei o observar o porquê de muitas promessas de amigos, que se não realizaram.

Companheiros diversos haviam partido, antes de mim, convencidos de que poderiam voltar, quando quisessem, trazendo informações da nova esfera e, embora lhes aguardasse a palavra esclarecedora, através de reuniões respeitáveis, a solução parecia adiada, indefinidamente." (1)

Cita, a seguir, em seus valiosos apontamentos, a importante participação dos encarnados nas comunicações dos Espíritos. Reuniões bem organizadas, com cooperação elevada e ativa de seus componentes, são indispensáveis para uma colheita de bons resultados.

Na condição de liberto do vaso carnal, Irmão Jacob visitou, inicialmente, instituições espíritas do Rio de Janeiro, local onde residia. E depois, ao primeiro ensejo, dirigiu-se à cidade mineira de Pedro Leopoldo, terra natal e residência, na época, de Chico Xavier. O seu objetivo era aproximar-se do conhecido médium, visitado por ele, quando encarnado, em 1937. Conhecia seus livros psicografados e, evidentemente, a sua indiscutível fidelidade mediúnica o atraía fortemente.

Com estas palavras registrou sua primeira vi-

(1) XAVIER, Francisco Cândido — Voltei. Pelo Espírito Irmão Jacob. 6. ed., Rio de Janeiro, FEB [1975] cap. 1, p. 17.

sita em Espírito, à terra onde Xavier exerceu as três primeiras décadas de seu mediunato:

"A casa humilde estava repleta de gente desen-carnada.

Os companheiros, ao redor da mesa, eram poucos. Não excedia de vinte o número de pessoas no recinto. As paredes como que se desmaterializavam, dando lugar a vasto ajuntamento de almas necessitadas, que o orientador da casa, com a colaboração de muitos trabalhadores, procurava socorrer com a palavra evangélica.

Entrei, ladeando três irmãos, recebendo abraços acolhedores.

Notando os cuidados do dirigente, prevendo as particularidades da reunião, recordei os Espíritos controladores a que se referem comumente nossos companheiros da Inglaterra.

Estávamos perante equilibrado diretor espiritual.

Todas as experiências e realizações da noite permaneciam programadas." (1)

E, mais adiante, após descrever outros detalhes do ambiente físico e espiritual onde se desenvolviam os trabalhos, explica-nos:

"Minha mente, contudo, interessava-se na aproximação com o médium, fixa na idéia de valer-se dele para contacto menos ligeiro com o mundo que eu havia deixado.

Rompi as conveniências e pedi a colaboração do supervisor da casa, embora o respeito que a presen-

(1) Op. cit., cap. 1, p. 20-21.

ça dele me inspirava. Não me recebeu o pedido com desagrado. Tocou-me os ombros, paternalmente, e acentuou, esquivando-se:

— Meu bom amigo, é justo esperar um pouco mais. Não temos aqui um serviço de mero registro. Convém ambientar a organização mediúnica. A sintonia espiritual exige trato mais demorado.

Lembrei-me, então, imperfeito e egoísta que ainda sou, de André Luiz. Ele não fora espirita; no entanto, começara, de pronto, o noticiário do “outro mundo”. O diretor, liberal e compreensivo, mergulhou em mim os olhos penetrantes, como se estivesse a ler as páginas mais íntimas de meu coração e, sem que eu enunciasse o que pensava, acrescentou, humilde:

— Não julgue que André Luiz haja alcançado a iniciação, de improviso. Sofreu muito nas esferas purificadoras e freqüentou-nos a tarefa durante setecentos dias consecutivos, afinando-se com a instrumentalidade. Além disto, o esforço dele é pessoal e reflete a cooperação indireta de muitos benfeitores nossos que respiram em esferas mais elevadas.

E passou a explicar-me as dificuldades, indicando os óbices que se antepunham à ligação e relacionando esclarecimentos científicos que não pude guardar de memória. Em seguida, prometeu que me auxiliaria no instante oportuno.

Realmente, estava desapontado, mas satisfeito.

Avizinhara-me dos amigos, incapaz de fazer-me percebido; entretanto, começava a entender, não somente os empecilhos naturais no intercâmbio entre

ambas as esferas, mas também a necessidade do desprendimento e da renúncia, na obra cristã que o Espiritismo, com Jesus, está realizando em favor do mundo.” (1)



Aos trabalhos do “Grupo Espirita da Prece”, de 10 de abril de 1976, conforme observamos, compareceram várias Entidades amigas de Walter; e quase todas elas estavam com familiares encarnados presentes à reunião.

Identificaremos as pessoas citadas pela primeira vez nesta série de mensagens psicografadas, após o relato de um fato curioso — mais um atestado de autenticidade mediúnica — com relação ao nome da mãe de Gerson José Bugiatto.

O leitor poderá constatar que na Segunda Carta o recado de Gerson foi assim: *Nosso irmão Gerson está conosco e beija as mãos da mãezinha aqui presente*; na Quarta Carta, Walter disse: *Aqui se encontra nosso querido amigo Gerson que se afinou, com as tarefas da querida mamãe, Dona Maria*; e, agora, se refere a ela, por duas vezes, tratando-a de *Maria Joana*.

A primeira vista, nada de especial. O fato interessante é que a mãe de Walter sempre conheceu a amiga por “Maria”, ignorando completamente que o seu nome, na verdade, é “Maria Joana”. O acontecimento inesperado motivou um comentário entre

(1) Op. cit., cap. 1, p. 22-23.

as duas amigas, logo após o recebimento da mensagem.



O nome completo do jovem *Aulus*, citado na carta, é Aulus de Paula e Silva Bastos, nascido a 14/7/1955, filho de Urbano dos Santos Bastos e Camélia de Paula e Silva Bastos. Faleceu a 31/12/1972 em acidente de automóvel, na Via Anhangüera, entre Guarará e São Joaquim da Barra, quando voltava para Ribeirão Preto, onde residia.

Quem nos prestou estas informações foi a sua progenitora, a atenciosa *D. Camélia*, dando-nos, também, outras explicações interessantes para o nosso estudo, que a seguir registramos:

"Conhecemos *D. Maria Perrone*, a mãe do *Walter*, em Uberaba, numa das reuniões do "Grupo Espírita da Prece". Naquela noite recebeu ela maravilhosa mensagem de seu filho. Não resistimos ao desejo de procurá-la, não só para conhecê-la, como também, para reler aquela mensagem que nos calara tão fundo no coração.

Desde esse nosso primeiro contacto sentimos por ela grande afeição e, curioso, talvez pelo fato de sermos irmãs unidas no mesmo sofrimento, tornamo-nos logo muito amigas.

Daí por diante, sempre que *D. Maria* ia a Uberaba não deixava de nos telefonar, convidando-nos para irmos encontrar naquela cidade. Algumas vezes, foi-nos possível aceitar seu amável convite, razão pela qual pudemos

associar-nos ao seu júbilo, quando, repetidas vezes, recebia novas mensagens do seu *Waltinho*, que passamos a estimar muito, pelo filho carinhoso que foi e continua sendo.

Começamos, então, a pedir-lhe, em nossas orações, se tornasse generoso amigo de nosso filho e nos desse notícias dele, caso não lhe fosse possível dar mensagens de próprio punho.

Grande conforto foi para nós quando recebemos, por intermédio do bondoso *Waltinho*, em sua mensagem de 10/4/76, notícias do nosso amado filho."



Amaury foi outro jovem desencarnado que enviou, nesta 5ª mensagem, notícias aos seus queridos pais. E, para identificá-lo, ninguém melhor do que sua mãe, que o fez atendendo a um pedido de *D. Maria Perrone*, sugerido por nós com vistas à organização desta obra.

Ficamos mui gratos à boa-vontade de *D. Alda Aparecida Godoy Gallinari*, residente em Americana (SP), e, respeitosamente, transcrevemos sua carta:

"Americana, 11 de maio de 1976

Querida amiga *Maria*,

Recebi ontem sua correspondência que consta de mensagem muito linda do *Walter*, com fotocópia do trecho que se refere ao meu filho e uma cartinha sua.

Fiquei muito contente por saber que você não se esquece de quem muito precisa de suas palavras confortadoras e também de suas preces. Deus lhe pague por tudo e a abençoe.

Agora envio-lhe as informações que me pede: meu filho Amaury Aparecido Godoy Gallinari nasceu a 10/9/1952 e faleceu em 25/6/1972. Cursava o 2º ano na Faculdade de Medicina de Catanduva. Meu marido chama-se Gélío Gallinari.

Pede-me para escrever como a conheci. Foi numa noite de sexta-feira, não me lembro o dia, lá em Uberaba, em visita ao Chico Xavier, levada com a finalidade de receber algo que pudesse amenizar a saudade, a mesma saudade que você também deve sentir, daquele que aqui na Terra constituía um grande tesouro para nós. Foi um encontro feliz, pois você é maravilhosa e suas palavras cheias de amor e compreensão me tem ajudado muito.

Quanto às cartas do Walter, posso afirmar que as li e reli muitas vezes, sempre achando que são lindas, cheias de amor, trazendo mensagens maravilhosas e profundas, alertando-nos para as nossas responsabilidades, fazendo-nos despertar para muitas e muitas coisas até então ignoradas.

Fiquei emocionadíssima quando, nessa última carta do Walter, ele me deu notícias do Amaury, enchendo-me novamente de esperanças. Não nego que eu já estava ficando desanimada, pois há quase quatro anos que vou à reunião do Chico sem receber notícias do Amau-

ry. O recado transmitido pelo Walter deixou-me deveras esperançosa.

Confesso-lhe que quando percebi que a mensagem daquele sábado, dia 10 de abril, era do Walter para você, pedi a ele que me desse notícias do meu filho. Como ele deve conhecer a minha ansiedade e saudade, não me negou a ventura de transmitir-me algumas palavras que reavivasse em mim a esperança quase perdida.

Quero que você saiba que Walter, Jair e outros rapazes estão sempre presentes nas minhas preces diárias.

Por isso, peço a Deus que ilumine o Espírito de Walter, cada vez mais, para que ele possa continuar amenizando o sofrimento de muitas mães e o abençoe também, bem como a você, Maria, a quem ele chama de "velhinha santa", porque certamente você merece.

Aquele abraço a você, com votos de paz com Deus e com todos.

Sua amiga e irmã,

Alda".



Continuamos, a seguir, a identificar os personagens citados na carta em estudo:

Diogo Garcia — D. Maria Joana Bugiatto, presente à reunião, orava pelo Espírito de Diogo Garcia, irmão de sua amiga Maria Helena Garcia.

Joaquim — Filho de João da Fonseca e Ocirema Fonseca, amigos da família Perrone e residentes em Manaus. Joaquim faleceu aos 13 anos, em acidente automobilístico na capital amazonense, aproximadamente 1 ano antes desta mensagem.

Nasser — Nasser Miguel Haddad faleceu em São Paulo a 23-4-1974, com apenas 15 anos de idade, em acidente de trânsito. Filho de Miguel Nasser Haddad e de Shirley Haddad.

José Roberto — José Roberto Pereira da Silva desencarnou com 18 anos, em 8-6-1972, no acidente de trem que transportava estudantes para Moji das Cruzes. Filho de Nery Pereira da Silva e Lucy Ianez Silva.

16.

Sexta Carta

Querida mãezinha, minha santa velhinha do coração.

A força do pensamento é uma alavanca invisível. Estivesse onde estivesse, creia que as suas requisições materiais me encontrariam.

Estou aqui, sim, seu Walter, que lhe vem rogar serenidade e paciência. Duas realizações em que você me ensinou a compreender e a esperar, mãezinha; pois é a você, professora de calma e bondade, que venho pedir entendimento e paz.

Mãezinha, aceitação da Vontade Divina é uma força que não sei definir. Quando movimentamos os valores ao nosso alcance, sem atingir os resultados previstos por nós, então é a Lei de Deus que se manifesta. O homem planta a semente, mas a

bondade dos Céus é que faz a germinação. Nossas idéias foram cultivadas. Idéias de amor e paz, auxílio e harmonização. Se acontecimentos diversos aparecem, mudando o rumo de nossa lavoura, é que o Mais Alto indica outras ocorrências. Calma e fé. Grandes lucros recolheremos sempre de qualquer investimento, em que a compreensão e a tolerância baseiam o câmbio da felicidade dos outros para sermos felizes.

Tenho acompanhado todos os episódios de nossa jornada de redenção. Agora, é a sua saúde que conta. Nosso caro amigo, Dr. Massau, está com a razão. Não há motivo para uma cirurgia que estaria concentrada numa operação exploratória, sem qualquer soma de benefícios. Falo assim, quase pretensioso, porque me estribo em nosso próprio médico.

Mãezinha, faça um sorriso e acredite que por muito que evolua na Terra a ciência dos transplantes, isso não acontecerá no domínio das emoções. Ninguém pode permutar sofrimento por alegria, saúde por presença tangível. Acalme-se.

...A nossa querida Su tem direito a escolher os caminhos que julgue mais adequados à felicidade própria. Digo isso com muito respeito e muito carinho mesmo.

Quanto às diferenças de estrada, mãezinha, isso pertence à vida. Nem todos nós estaremos reunidos em outros caminhos únicos. Pensemos em outros setores de trabalho. Olhe as nossas costureiras e as nossas associadas às mãezinhas, cujos filhos queridos recebem aquelas doces demonstrações de que estamos buscando somente o bem.

Partilhemos as preces de tia Isaura, a madrinha que ora sempre por nossa paz.

E o papai com as duas Sônias, e os meus sobrinhos queridos... Você, a minha querida velhinha, tem um mundo em construção. É necessário continuar, porque teto mesmo ainda está longe. É muita parede para erguermos, muito detalhe para discernirmos. Trabalhar, mãezinha, é o segredo de qualquer vitória. Pensemos nisso e aguardemos. Se há uma contemporização em papéis é que isso se faz preciso. Tudo o que é certo tem base firme.

Ajude o papai a se recuperar na saúde e na tranqüilidade de que o meu querido velhinho está precisando, e coloque forças no coração do mano Carlos, que se "vira" em exemplos de fé.

Agradeço a vinda de nosso amigo Christovam e família, pois eu, mãezinha, para reconfortá-la, vim hoje cercado de mais gente. Vovô Perrone é o amigo sempre amigo, e nesta noite a querida vó Mariana com a prima Leonice, digo, Vera Leonice (para fugir ao "prima Vera" cacofonizado) estão comigo; o bisavô Donini também veio, e embora ainda um tanto abatido, o nosso caro amigo Sr. João Angelici veio conosco para, diz ele, renovar a sua coragem. Mãezinha, o tio Tardioli, um companheiro excelente da nossa família, que encontrei na vida nova, se associa às nossas preces e roga-lhe alegria.

Alegria, mãezinha, é o dom de viver. Eu sei que as mães exergam fontes e estrelas, caminhos e flores, luzes e bênçãos, mas, por dentro, na câmara do olhar apenas observam a presença dos filhos. Ainda assim, considere as esperanças do seu Walter e auxilie-me a conservá-las. Mãezinha, não chore mais, não, peço-lhe.

Tudo será feito para o bem de todos e muito correto para cada um de nós.

Converse com Soninha e rogue a ela que não tenha receio. Deus nos guarda e Deus nos sustenta, como tem sustentado.

Falei talvez muito, mas precisava.

Não quero vê-la sob o efeito de medidas, que nem o nosso médico aprova, de vez que o nosso melhor refúgio é a nossa casa sempre feliz.

Mãezinha, agradeço a sua dedicação e beijo a sua face molhada de lágrimas. Tenho a idéia de que os brilhantes do orvalho nesta noite subiram ao invés de descenderem para o mundo e estão perolando a face de uma estrela, porque você, mãezinha, é a nossa estrela de todos os momentos. Abrace-me. Nessa troca de corações, levo o seu e deixo-lhe o meu. São prodígios da imaginação. Veja que lhe entrego um motor alimentado à esperança, um motor de alegria, que há de sustentar a sua fé; e o seu coração, em meu peito, será todo envolvido em bálsamo de oração, nas preces que faço por sua felicidade.

Agradecemos a Deus, querida velhinha, e sejamos felizes. Em seu amor inolvidável, todo o amor e toda gratidão do seu filho, sempre seu filho, cada vez mais e muito mais seu

Walter.

17.

Espíritos protetores das famílias

O Autor Espiritual continua, no Mundo Maior, velando os passos dos entes queridos pelos caminhos terrestres.

Em nova oportunidade, ao comparecer à reunião pública do "Grupo Espírita da Prece", em Uberaba (MG), na noite de 18 de junho de 1976, escreveu através do lápis mediúnico de Francisco Cândido Xavier mais uma mensagem, a sexta.

Walter afigura-se-nos portador de uma flama inextinguível de afeto, estabelecendo com ela proveitosa ponte de luz entre o Alto e a Terra. Só o verdadeiro amor pode unir perenemente os corações, superando, inclusive, a barreira entre os Planos físico e espiritual.

É altamente significativa a sua primeira frase após a saudação inicial:

— *A força do pensamento é uma alavanca invisível. Estivesse onde estivesse, creia que as suas requisições materiais me encontrariam.*

Enaltece, assim, o poder do pensamento — base de todo o intercâmbio entre encarnados e desencarnados — deixando claro que pelas ondas mentais recebe os apelos maternos.

Não fica apenas na afirmativa: *Tenho acompanhado todos os episódios de nossa jornada de redenção*, comprovando o que diz, ao abordar e, ao mesmo tempo, apresentar soluções a vários problemas íntimos da família. Portanto, a autenticidade da comunicação mediúnica evidencia-se com limpidez.

Com dedicação constante e carinhosa, Walter tornou-se um benfeitor do núcleo familiar aqui deixado.

Baseados nestes comentários e pelo conteúdo de todas as mensagens, muitos poderão perguntar: “Walter transformou-se num anjo da guarda de sua família?”

E interrogamos nós: Existem anjos da guarda? Se reais, habitam as esferas espirituais e assistem aos encarnados?

Essa mesma questão foi apresentada pelo Espírito de André Luiz ao Ministro Clarêncio, quando, estudando dolorosos dramas desenrolados aqui na Terra, meditava nas grandes lutas das criaturas em face a numerosos problemas a resolver. Na ocasião, colheu e registrou esta preciosa elucidação:

“— Os Espíritos tutelares encontram-se em todas as esferas, contudo, é indispensável tecer algumas considerações sobre o assunto. Os anjos da su-

blime vigilância, analisados em sua excelsitude divina, seguem-nos a longa estrada evolutiva. Desvelam-se por nós, dentro das Leis que nos regem, todavia, não podemos esquecer que nos movimentamos todos em círculos multidimensionais. A cadeia de ascensão do espírito vai da intimidade do abismo à suprema glória celeste.

Ligeira pausa trouxe paternal sorriso aos lábios do instrutor, que prosseguiu:

— Será justo lembrar que estamos plasmando nossa individualidade imperecível no espaço e no tempo, ao preço de continuadas e difíceis experiências. A idéia de um ente divinizado e perfeito, invariavelmente ao nosso lado, ao dispor de nossos caprichos ou ao sabor de nossas dívidas, não concorda com a justiça. Que governo terrestre destacaria um de seus ministros mais sábios e especializados na garantia do bem de todos para colar-se, indefinidamente, ao destino de um só homem, quase sempre renitente cultor de complicados enigmas e necessitado, por isso mesmo, das mais severas lições da vida? porque haveria de obrigar-se um arcanjo a descer da Luz Eterna para seguir, passo a passo, um homem deliberadamente egoísta ou preguiçoso? Tudo exige lógica, bom-senso.” (1)

André Luiz, como sempre atento observador, em vista do exposto, interrogou de pronto:

“— Com semelhante apontamento quer dizer que os anjos da guarda não vivem conosco?

— Não digo isso — asseverou o benfeitor.

(1) XAVIER, Francisco Cândido — *Entre a Terra e o Céu*. Pelo Espírito André Luiz. Cap. XXXIII, p. 213-214.

E, com graça aduziu:

— O Sol está com o verme, amparando-o na fuma, a milhões e milhões de quilômetros, sem que o verme esteja com o Sol.” (1)

Após breve pausa, reconhecendo que o tema merecia esclarecimento mais amplo, Clarêncio continuou:

“— Anjo, segundo a acepção justa do termo, é mensageiro. Ora, há mensageiros de todas as condições e de todas as procedências e, por isso, a antiguidade sempre admitiu a existência de anjos bons e anjos maus. Anjo da guarda, desde as concepções religiosas mais antigas, é uma expressão que define o Espírito celeste que vigia a criatura em nome de Deus ou pessoa que se devota infinitamente a outra, ajudando-a e defendendo-a. Em qualquer região, convivem conosco os *Espíritos familiares* de nossa vida e de nossa luta. Dos seres mais embruteados aos mais sublimados, temos a corrente de amor, cujos elos podemos simbolizar nas almas que se querem ou que se afinam umas com as outras, dentro da infinita gradação do progresso. *A família espiritual é uma constelação de Inteligências, cujos membros estão na Terra e nos Céus.* Aquele que já pode ver mais um pouco auxilia a visão daquele que ainda se encontra em luta por desvencilhar-se da própria cegueira. Todos nós, por mais baixo nos revelemos na escala da evolução, possuímos, não longe de nós, alguém que nos ama a impelir-nos para a elevação. Isso podemos verificar nos círculos da matéria mais densa. Temos constantemente corações que nos devotam estima e se consagram ao

(1) Op. cit., p. 214.

nosso bem. De todas as afeições terrestres, salientemos, para exemplificar, a devoção das mães. O espírito maternal é uma espécie de anjo ou mensageiro, embora muita vez circunscrito ao cárcere de férreo egoísmo, na custódia dos filhos. Além das mães, cujo amor padece muitas deficiências, quando confrontado com os princípios essenciais da fraternidade e da justiça, temos afetos e simpatias dos mais envolventes, capazes dos mais altos sacrifícios por nós, não obstante condicionados a objetivos por vezes egoísticos. Não podemos olvidar, porém, que o admirável altruísmo de amanhã começa na afetividade estreita de hoje, como a árvore parte do embrião. Todas as criaturas, individualmente, contam com louváveis devotamentos de entidades afins que se lhes afeiçoam. *A orfandade real não existe. Em nome do Amor, todas as almas recebem assistência onde quer que se encontrem.* Irmãos mais velhos ajudam os mais novos. Mestres inspiram discípulos. Pais socorrem os filhos. Amigos ligam-se a amigos. Companheiros auxiliam companheiros. Isso ocorre em todos os planos da Natureza e, fatalmente, na Terra, entre os que ainda vivem na carne e os que já atravessaram o escuro passadiço da morte. Os gregos sabiam disso e recorriam aos seus gênios invisíveis. Os romanos compreendiam essa verdade e cultuavam os numes domésticos. O gênio guardião será sempre um Espírito benfazejo para o protegido, mas é imperioso anotar que os laços afetivos, em torno de nós, ainda se encontram em marcha ascendente para mais altos níveis da vida. Com toda a veneração que lhes devemos, importa reconhecer, nos Espíritos familiares que nos protegem, grandes e respeitáveis heróis do bem, mas ainda singularmente distanciados da angelitude eterna. Naturalmente, avançam em linhas enobrecidas, em

planos elevados, todavia, ainda sentem inclinações e paixões particulares, no rumo da universalização de sentimentos. Por esse motivo, com muita propriedade, nas diversas escolas religiosas, escutamos a intuição popular asseverando: — “nossos anjos da guarda não combinam entre si”, ou, ainda, “façamos uma oração aos anjos da guarda”, reconhecendo-se, instintivamente, que os gênios familiares de nossa intimidade ainda se encontram no campo de afinidades específicas, e precisam, por vezes, de apelos à natureza superior para atenderem a esse ou àquele gênero de serviço.” (1) (os grifos são nossos).

Fundamentados nestas abalizadas explicações de Clarêncio, vemos em Walter, bem como em todos os Espíritos familiares que freqüentemente se comunicam, Mensageiros do Bem e do Amor, a transmitir aos entes amados esclarecimentos e consolos, roteiros e novos ânimos. Estas almas se destacam em suas famílias espirituais graças à devoção ao trabalho enobrecedor e ao entesouramento de sentimentos elevados.



— *Mãezinha, aceitação da Vontade Divina é uma força que não sei definir. Quando movimentamos os valores ao nosso alcance, sem atingir os resultados previstos por nós, então é a Lei de Deus que se manifesta. O homem planta a semente, mas a bondade dos Céus é que faz a germinação.*

(1) Op. cit., p. 214-216.

Eis outro trecho que não poderíamos deixar de realçar, dada a importância do conceito emitido.

Já tivemos o ensejo de estudar no capítulo 6, à luz da Doutrina Espírita, os aspectos básicos da atuação das Leis justas e misericordiosas emanadas do Criador, regendo a vida dos seres, traçando-lhes os caminhos da infinita ascensão espiritual.

A ação do nosso livre-arbítrio e a força do determinismo relativo, influentes na vida de todos, são aqui resumidas por Walter de forma admirável.

Somente o amplo entendimento da presença absoluta dos Decretos de Deus, em toda a Criação, nos levará a aceitar as determinações superiores, recalçadas na mais Perfeita Justiça e no mais Puro Amor, porque a felicidade para todas as criaturas é o objetivo maior do Criador.

Atentemos para o fato de que Jesus, conhecedor de todos os problemas e anseios da Humanidade, ao ensinar-nos a orar, num dos tópicos da Prece Dominical, caracterizou, em síntese sublime, a nossa necessidade primordial de aceitar os Desígnios Divinos: “Seja feita a vossa vontade, assim na Terra como no Céu.” (Mateus, 6:10).



Os familiares de Walter, nossos conhecidos, são aqui citados. Dr. Massau Simizo, médico da família, já havia sido lembrado na Primeira Carta.

Comparecem pela primeira vez, nesta série de mensagens, as seguintes pessoas:

Christovam — Sr. José Custódio Christovam, amigo da família Perrone, residente em São Paulo, é o autor da bela página de saudade, integrante do capítulo 5 desta obra.

Vó Mariana — D. Mariana Guadanholi Donini, mãe de D. Maria D. Perrone, desencarnou em 10 de maio de 1970.

Vera Leonice — Após 3 meses de enfermidade, faleceu a 8 de março de 1970, deixando seu marido Henrique Tardioli e um robusto garoto, com 10 meses de idade, de nome Maurício.

Bisavô Donini — Sr. Nicola Donini, avô de D. Maria D. Perrone, falecido há 39 anos.

Sr. João Angelici — Era tio da mãe de Vera Leonice Tardioli. Desencarnou apenas 5 meses antes desta mensagem, em Ribeirão Preto (SP), portanto, fácil entender porque estava *ainda um tanto abatido*.

Tio Tardioli — Faleceu na Segunda Guerra Mundial. Na carta Walter trata-o carinhosamente de *tio*; era tio do esposo da prima Leonice Tardioli.

18.

Telegramas de amor

Querida velhinha, santa mãezinha do coração, abençoe seu filho com a nossa fé em Deus.

Estou na condição do cliente que se vale de uma agência amiga para expedir um telegrama. Nestas folhas rápidas, registro a minha alegria, ao verificar a nossa reunião familiar dentro da nossa reunião de esperança em Jesus.

Abraços de muito carinho ao Carlos e Sônia e Soninha, e nos meus sobrinhos, com a certeza de que estou representando aqui o nosso querido Walzinho.

Mãezinha, o coração é seu e de meu pai, rogando para que as sombras do caminho se façam esquecidas.

Mãezinha, o nome de Mãe é sinônimo de amor e perdão, entendimento e carinho. Espero que o seu amoroso coração esteja erguido a Deus.

Confiemos em Deus, e que a paz dos céus possa vibrar em nós para aceitarmos todas as provas por bênçãos da vida.

Velhinha santa, não sofra e fique feliz.

Nosso amigo Gerson está conosco e saúda a querida mãezinha.

Continuemos todos juntos na oficina de Jesus, edificando a nossa felicidade e estejamos tranquilos.

Querida velhinha, receba com o papai e com todos os nossos entes queridos todo o carinho do coração sempre seu, de seu filho

Walter.

(14/agosto/1976)



OITAVA CARTA

Querida velhinha, minha querida mamãe, Deus nos abençoe.

Fique tranqüila. Não chore mais, querida mãe.

Tudo está bem. E tudo vai ficar melhor. Não desejo vê-la angustiada, como quem me procura na chuva das lágrimas.

Ponha suas mãos nas minhas e nós dois colocaremos nossas mãos nas mãos de Jesus que nos guiará para a saúde e para a tranqüilidade, para a fé e para a alegria, hoje e sempre.

Sempre seu filho

Walter.

(25/setembro/1976)



NONA CARTA

Querida velhinha, minha querida mãezinha, Deus nos proteja.

Venho rogar a sua calma e fé .

...Mãezinha querida, você está bem. Sua doença é saudade, pois a Terra não tem sanatórios para acabar com essa dor, mas, Deus nos deu os remédios da esperança e da oração.

Mãezinha, minha velhinha santa, perdoe tudo o que possa significar contrariedade. ...Fique alegre. Abracemos o nosso trabalho. As suas mãos e as mãos de nossas irmãs vão costurando e eu vou

trazendo as listas das necessidades. Não estou inativo, estou trabalhando. Aprendi isso com a senhora e com o papai.

Velhinha, você está muito mais forte e, por isso, muito mais linda para seu filho.

Se o meu abraço e o meu beijo podem servir de medicamento para o seu coração querido, esse abraço e esse beijo são seus, porque eu sou o seu Walter, cada vez mais unido ao seu carinho e mais seu filho

Walter.

(05/fevereiro/1977)

19.

O surpreendente recado de Tim

Nos próximos meses seguintes à transmissão da Sexta Carta, Walter endereçou à sua progenitora três pequenas mensagens reunidas no capítulo anterior sob um título, que foi inspirado na sua significativa frase: *Estou na condição do cliente que se vale de uma agência amiga para expedir um telegrama.*

Esta agência amiga foi, como nas vezes anteriores, o médium Francisco Cândido Xavier que psicografou as mensagens referidas nas reuniões públicas do "Grupo Espírita da Prece", em Uberaba, MG.

O amor, que brilha intensamente em cada carta do Autor Espiritual, dispensa comentários.

NO FINAL, UMA SURPRESA

Chegando ao final de nossos despretensiosos comentários, em torno das cartas do Espírito de Walter, sentíamos-nos muito felizes e não sopitamos o nosso entusiasmo, comunicando, já no dia seguinte — na tarde de 22 de junho de 1977 —, por telefone, a D. Maria Perrone, que o livro de seu filho estava pronto.

Na noite deste mesmo dia, comparecemos a um Centro Espírita desta cidade. Ao término dos trabalhos, o médium X (*) nos disse:

— Quando terminei de aplicar-lhe o passe, uma Entidade aproximou-se e deu o seguinte recado: “Diga ao Hércio que o Tim lhe manda um abraço.”

Quedamos pensativos. Qual seria a Entidade de nome Tim? Não encontrando em nossa memória nenhuma pessoa familiar ou amiga com este nome, respondemos:

— Não nos lembramos de nenhum amigo ou familiar desencarnado assim chamado. Nem com o nome de Valentim, com o qual mais se assemelha.

E usufruindo de uma liberdade, facultada por antiga amizade, afirmamos:

— Meu caro, deve ter havido uma imperfeição no processo de captação mediúnica, pois, como Você sabe, isso pode ocorrer com qualquer médium.

Meditando mais um pouco na questão, recordamo-nos de Waltinho — assim Walter Perrone era

(*) Atendendo ao pedido do médium, com esse pseudônimo, o manteremos no anonimato.

chamado, desde a infância, pela maioria dos seus familiares e amigos —, pois ultimamente estávamos com o pensamento muito voltado para este livro, de sua autoria espiritual. Inclusive, naquele mesmo dia, à tarde, havíamos conversado com a sua progenitora, e daí, arriscar a seguinte interpretação, mantendo o diálogo:

— Talvez a Entidade referida por Você seja o Waltinho, nome que tem certa semelhança com Tim. Ultimamente tenho pensado muito nesse Espírito.

—E, quem sabe, ele tivesse o apelido de Tim?

— É possível. Como Você vai a Uberaba, na próxima sexta-feira, para assistir aos trabalhos do “Grupo Espírita da Prece”, pergunte a D. Maria Perrone, porquanto ela também lá estará, conforme nos disse hoje ao telefone.



Daí a 2 dias, realmente, deu-se o encontro deles na referida instituição espírita.

Ciente do acontecimento, D. Maria, de imediato, confirmou o apelido “Tim” de seu querido filho, pedindo ao médium X que expusesse por escrito o fato narrado. Chamou sua filha Sônia, que estava em outro local do recinto, e entregou-lhe o manuscrito. Após a leitura do mesmo, Soninha ficou profundamente emocionada, confirmando também a veracidade do recado de seu irmão. Não só ela, mas sua mãe, o médium X e outras pessoas, que participavam dos fatos daquela hora, também se emocionaram, visto que estavam diante de uma

prova irrefutável e cristalina da imortalidade da alma e da comunicação dos "mortos".

No final da reunião do "Grupo Espírita da Prece", D. Maria mostrou o manuscrito a Chico Xavier, que, após atenta leitura do mesmo, lhe afirmou:

— D. Maria, este é o recado que o Waltinho queria dar.

Pois, semanas antes, o médium de Uberaba havia dito à mãe de Walter que seu filho, brevemente, se comunicaria. Desta forma, ele reafirmava o fraterno e surpreendente recado transmitido em Araras.

Soninha, chegando a São Paulo, fez questão de enviar-nos o seguinte depoimento:

"Dias atrás fiquei descrente de tudo, pois estava passando um período difícil, de muitos conflitos interiores.

Na última sexta-feira, dia 24, senti grande necessidade de ir a Uberaba, para avistar-me com Chico Xavier. Chegando lá, reencontrei grandes amigos no "Grupo Espírita da Prece". Qual minha surpresa, quando no final da reunião, li a descrição de como se verificou o seguinte recado mediúnico: "Diga ao Hércio que o Tim lhe manda um abraço."

"Tim" referia-se ao meu inesquecível e querido Waltinho. Era um apelido carinhoso dado por mim, com o qual Suely e eu o chamávamos. Para nós não era Walter ou Waltinho, mas sim Tim, meu querido Tim.

Hoje posso confessar e até mesmo depor. Há uma grande verdade nessa Doutrina, pois seria humanamente impossível alguém saber dessas ligações, somente fenômenos espirituais poderiam revelar tal intimidade familiar.

(a) Sônia Perrone

São Paulo, 28/6/1977."



Sim, o recado fraterno do Tim, recebido aqui em Araras, quando a organização de seu livro chegava ao fim, havia sido autêntico, constituindo-se, após a confirmação dos seus familiares, numa surpresa muito feliz para o nosso coração.

Ao colocarmos um ponto final nos estudos de suas inestimáveis cartas e só agora percebendo que tais estudos constituíram um verdadeiro curso, de temas doutrinários básicos, dos mais proveitosos para nós, resta-nos endereçar ao novo Amigo, além dos agradecimentos pela oportunidade do aprendizado edificante, os melhores e mais sinceros votos de crescente progresso espiritual, no trabalho incansável do aprimoramento de seus elevados sentimentos a serviço da Vontade do Senhor.

20.

Nova Carta (*)

Minha santa velhinha, querida mãezinha, peço a sua bênção de paz e amor.

Quero dizer ao seu carinho que tanto trabalhamos com a saudade, que a saudade se nos faz motivo de trabalho e tolerância, como sendo a nossa fábrica de compreensão e a nossa usina de esperança.

Mãezinha, lembro-me aqui dos natalícios do mano e do Waltinho e partilho, com o seu amor, da festa de corações em que nos vemos.

(*) Amor sem adeus já estava no prelo quando Walter escreveu esta nova carta pela mediunidade de Francisco C. Xavier, no "Grupo Espirita da Prece", em reunião pública da noite de 11/novembro/1977, em Uberaba, MG, externando, no final, o seu pensamento quanto ao objetivo maior do presente livro.

....Nossos pensamentos estão entrelaçados e não há parede de alvenaria, nem muro de aço, capazes de isolar-nos uns dos outros. Compreendo isso agora, mais do que nunca, e por isso mesmo estou satisfeito com as suas deliberações e com as resoluções do papai Murillo ante o nosso caso familiar. Não fique triste com as ocorrências.

.... Passem os dias, sucedam os acontecimentos da vida uns sobre os outros, mas estaremos todos juntos nas lembranças. Jesus é o cultivador divino. Não há flor que adoeça sem que as mãos divinas do Celeste Jardineiro se mostrem incapazes de restituir-lhe a fragrância e a beleza.

.... Aqui, seu filho veio a saber que o vencedor na maioria das vezes é o que sabe perder. E aquele coração que se cala diante de uma impropriedade qualquer é sempre o que fala mais alto, porque o silêncio também conversa e diz muito.

Mãezinha, pensemos nas outras crianças que suas mãos, com as mãos das companheiras abnegadas, estão vestindo... São Paulo, Araras e tantas cidades outras guardam hoje pedaços de nosso coração que se reparte com Deus e em nome de Deus. E pode crer que o coração é uma concha misteriosa no mar da vida; pode dividir-se em milhares de fragmentos sem perder a própria integridade. Mãezinha, esses meninos que nos oferecem tantos sorrisos de gratidão são retratos de meu filho e seu neto — retratos vivos que abraçamos e beijamos, reconhecendo que nossa vida se transformou. Continuemos. Deus nos concede sempre o melhor.

Aqui se encontram comigo o Gerson, de Dona Maria Bugiatto, e o Serginho, filho da senhora Cos-

sero, que tem sentido tantas saudades do filho que lhe vive nas cordas do coração. Ambos se acham confortados, pelo trabalho que as mães queridas vão realizando na beneficência e, posso dizer que, por aqui, estamos quase felizes. (*) Quase felizes, porque hoje creio que a felicidade total para nós será aquela de nossa união plena com a bênção de Deus. Por enquanto, minha querida velhinha, é tanto "entra e sai" na reencarnação, que observo, onde estou, que acabei reconhecendo que o estado de carência afetiva existirá sempre, porque se estamos no mundo físico experimentamos a falta dos nossos queridos entes que nos precedem na Grande Transformação e, se nos demoramos na Vida Espiritual, a saudade dos que ainda permanecem na Terra é uma espécie de anzol a fisgar-nos o coração, obrigando-nos ao retorno para o lar que deixamos e não deixamos. A fé, porém, é o bálsamo que alivia semelhantes feridas da alma e por isso tenho apenas razões para agradecer a Deus, tudo o que temos obtido em matéria de intercâmbio.

Peço dizer a nossa querida Sônia e ao nosso Carlos que continuo, a postos, colaborando no trabalho que o Senhor nos confiou.

Você sabe, querida mãezinha, quando não podemos ser o braço que age, ser-nos-á possível ser a coragem que anima e fortalece para ser mais útil. Diga isso ao meu pai e fale-lhe de minhas esperanças.

Tudo estará melhor ao melhorarmos. Deus nos garante a paz de consciência à feição de céu sem

(*) Gerson, citado em cartas anteriores, quando encarnado já era amigo de Walter. E Serginho, filho de D. Cesira Cossaro, residente em São Paulo, faleceu em 4/março/1978.

nuvens e a prova disso é que você já consegue dormir sem tranqüilizantes. Olhe que isso é vitória e vitória das grandes.

Mãezinha, agradeço-lhe o carinho por nossas páginas. Que os nossos amigos de Araras consigam reuni-las, para reconforto de outras mães e outros filhos, de outros pais e outros irmãos, qual aconteceu em nossa casa, são os meus votos.

De longe, nós dois juntos, você e eu enviamos um beijo ao Waltinho, e pedimos a Deus para que abençoe a nossa querida Suely e todos os nossos.

Desejando vê-la sempre mais valorosa e sempre mais forte em nosso caminho, em que Jesus é o nosso Guia e Companheiro de todas as horas, beija-lhe a face querida e envolve-a com meu pai num abraço do coração, seu filho reconhecido e sempre mais seu,

Walter.



Composto e Impresso pelo INSTITUTO DE DIFUSÃO ESPÍRITA
Rua Emílio Ferreira, 123 – 13.600 – Araras – Estado de São Paulo
C.G.C. n.º 44.220.101/0001-43 – Inscrição Estadual 182.010.405
em abril de 1978

